



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FAFICH  
ANTROPOLOGIA**

**ANGELINA MOURA PARREIRAS E SILVA**

**FICA VIVO!  
O PAPEL DE UMA POLÍTICA PÚBLICA NO PROCESSO DE  
(RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS**

**BELO HORIZONTE**

**2017**

**ANGELINA MOURA PARREIRAS E SILVA**

**FICA VIVO!**  
**O PAPEL DE UMA POLÍTICA PÚBLICA NO PROCESSO DE  
(RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS**

Monografia apresentada no primeiro semestre de 2017 – 1º/2017, ao curso de Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Beatriz Vianna Mendes

**BELO HORIZONTE**

**2017**

Dedico esta monografia à minha filha Anita que tanto me apoiou nesta longa, árdua e desejada jornada.

## AGRADECIMENTOS

Não tenho condições de colocar no papel todas as pessoas que preciso agradecer pela conclusão de mais um ciclo da minha vida. Foram muitos que participaram, contribuíram e possibilitaram, direta ou indiretamente, o desfecho desta etapa. Assim, para não incorrer em erro ou injustiça pelo esquecimento de algum importante nome, buscarei, além destas poucas palavras escritas, fazer todos esses agradecimentos, em algum momento, pessoalmente.

Preciso agradecer inicialmente à minha família que participou de todos os meus anseios, medos, desejos, estresses, dentre todos os outros sentimentos, neste turbilhão: à minha mãe, que me forneceu as estruturas físicas e materiais; ao meu pai, que ofereceu estrutura emocional e espiritual; ao meu irmão Pedro de quem recebi apoio intelectual, e me espelhei para crescer, mesmo que com alguns desvios, de forma responsável; à minha irmã e melhor amiga da vida, Anna, que está do meu lado desde sempre e, mais que qualquer um nessa vida, sabe das minhas lutas; ao meu irmão Artur, que dividiu seu computador comigo enquanto não tinha outros meios, companheiro de longas e importantes conversas; e, em especial à minha filha Anita que aceitou (re)organizar sua vida em relação a minha e buscou, com tanto amor, me acompanhar nesta trajetória. Agradeço também, de coração, à Valéria e ao Paulo Sérgio, avós tão dedicados que ajudaram a cuidar da minha pequena flor enquanto ingressava à universidade. Sem vocês este percurso teria sido mais penoso.

Agradeço a todos os amigos que fazem (ou fizeram) parte da minha vida e que contribuíram para tantas e importantes mudanças. Aos que passaram por ela e deixaram suas marcas (e espero que nossos caminhos possam se cruzar novamente) e aos bons amigos que fiz neste ano de muitas transformações: agradeço pelas trilhas e viagens compartilhadas; pelos cafés e chás, regados de ótimas, e as vezes loucas, conversas; por compartilharem comigo as dificuldades e aflições de fazer uma monografia, e possibilitar material para que eu concluísse a minha; aos amigos ocupantes, que nossas lutas não cessem! E a todas as pessoas que proporcionaram, nestes últimos cinco anos, momentos inesquecíveis e de muitas experiências. Deste tempo, devo reconhecer, que o Pedro Barreto, ex-companheiro e grande amigo/irmão, esteve presente em muitas e importantes

etapas, cuidando, incentivando e me fortalecendo para que em algum momento conseguisse definitivamente andar com as próprias pernas. Obrigada!

Agradeço também xs professorxs do colegiado de Antropologia e Arqueologia da UFMG, que estiveram presentes no meu percurso curricular. Em particular a minha orientadora Ana Beatriz (a Bia), que, com suas observações, apontamentos e efetiva orientação, ajudou e elucidou as dificuldades encontradas no campo, na escrita e conclusão desta pesquisa.

Por fim, agradeço imensamente todos os funcionários do CPC Rosaneves que sempre me receberam muito bem, dentre estes, xs técnicxs sociais Hugo e Nelma, que foram sempre solícitos aos meus pedidos. Aos oficineiros que abriram as portas das suas oficinas e possibilitaram o contato com os jovens. Estes, aos que mais agradeço, desnudaram a pesquisadora que apresentei, extrapolaram todos os aprendizados que acumulei e me mostraram o que a 'rua' poderia ensinar. Destes jovens retirei a real força para o amadurecimento e conclusão desta pesquisa. Muito obrigada!

## RESUMO

Pesquisa desenvolvida sobre o Programa de controle de Homicídios – Fica Vivo!, em específico, no Centro de Prevenção a Criminalidade Rosaneves (CPC Rosaneves) em Ribeirão das Neves. Esta cidade, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, sofre com uma forte estigmatização, sendo considerada uma cidade dormitório e, reforçando seus estigmas, a cidade dos presídios. Essa estigmatização é repassada para os moradores da região, cujas características sociais são comumente definidas pelo espaço físico em que vivem. O CPC a ser estudado está localizado no bairro Rosaneves, historicamente considerado um dos bairros mais violentos da cidade. Esta pesquisa se propôs a mostrar o bairro Rosaneves através do programa Fica Vivo!, visando compreender em que medida este programa ressignifica e/ou reitera a ideia do ‘cidadão precarizado’ e, por consequência, participa dos processos de (re)construção das identidades sociais de seus participantes. Este estudo foi realizado a partir de observação participante – diretamente no CPC e em seis das quinze oficinas ofertadas pelo Programa – coleta de depoimentos orais, fotografias, anotações de campo, análise de documentos referentes às estratégias do poder público para intervenção e compreensão das dinâmicas sociais nestas áreas, tais quais estatísticas e relatórios disponibilizados pela Secretária de Estado de Defesa Social e bibliografia sobre o tema. Analisei de forma crítica a “inclusão” proposta pelo programa, procurando entender, de forma situada, o binômio inclusão/exclusão, tendo em vista que, frequentemente, em favelas, vilas, aglomerados e regiões periféricas, ocorre um processo de tentativa de “inclusão” segundo regras e lógicas próprias; que muitas vezes reificam a marginalização e o estigma sobre grupos com os quais se trabalha.

**Palavras-chave:** Fica Vivo!, Estigmatização, Identidades Sociais, Inclusão/Exclusão.

## ABSTRACT

Research developed on the Homicide Control Program – Fica Vivo!, in particular, at the Rosaneves Crime Prevention Center (CPC Rosaneves) in Ribeirão das Neves. This city, located in the metropolitan area of Belo Horizonte, suffers from a strong stigmatization, being considered a dormitory city and, reinforcing its stigmata, the city of prisons. This stigmatization is transferred to the residents of the region, whose social characteristics are commonly defined by the physical space in which they live. The CPC to be studied is located in the Rosaneves neighborhood, historically considered one of the most violent neighborhoods in the city. This research aimed to show the Rosaneves neighborhood through the program Fica Vivo!, in order to understand to what extent this program reaffirms and/or reiterates the idea of the 'precarious citizen' and, consequently, participates in the processes of (re)construction of identities of its participants. This study was carried out based on participant observation – directly in the CPC and in six of the fifteen workshops offered by the Program – oral testimony, photographs, field notes, analysis of documents referring to the strategies of the public power for intervention and understanding of social dynamics. In these areas, such as statistics and reports made available by the Secretary of State for Social Defense and bibliography on the subject. I have analyzed critically the "inclusion" proposed by the program, trying to understand, in a situated way, the inclusion/exclusion binomial, considering that often in favelas, villages, agglomerates and peripheral regions, there is a process of "inclusion" according to own rules and logics; Which often reify marginalization and stigma over groups with which one works.

**Keywords:** Fica Vivo!, Stigmatization, Social Identities, Inclusion/Exclusion.

## LISTA DE MAPAS

**MAPA 1:** Mapa da cidade de Belo Horizonte **22**

**MAPA 2:** Mapa da cidade de Ribeirão das Neves **22**

**MAPA 3:** Mapa do bairro Rosaneves **23**

**MAPA 4:** Mapa do bairro Rosaneves com as marcações das oficinas e os locais de realização **24**

**MAPA 5:** Mapa do bairro Sevilha B **24**

**MAPA 6:** Mapa do bairro Sevilha B com as marcações das oficinas e os locais de realização **25**

**MAPA 7:** Mapa das 15 oficinas ofertadas pelo Fica Vivo! no território de abrangência do CPC Rosaneves, nos bairros Rosaneves e Sevilha B **25**



## LISTA DE IMAGENS

**IMAGEM 1:** Logo do programa grafitado na parede do CPC Rosaneves **33**

**IMAGEM 2:** Estação (provisória) do Move de Justinópolis **44**

**IMAGEM 3:** Córrego onde se encontra a Estação (provisória) do Move de Justinópolis **44**

**IMAGEM 4, 5, 6 e 7:** Grafite feito para ilustrar o projeto local com o tema de violência doméstica **46 - 47**

**IMAGEM 8:** Grafite feito pelos jovens do CPC Ressaca junto aos jovens dos CPC Rosaneves no bairro Rosaneves **49**

**IMAGEM 9:** Jovens participantes do programa em frente ao grafite no bairro Rosaneves **50**

**IMAGEM 10 e 11:** Objetos feitos na oficina de artesanato **53**

**IMAGEM 12:** Pátio da Escola Estadual João Corrêa Armond onde são ministradas as oficinas de Dança de Rua **55**

## LISTA DE ABREVIATURAS

**CPC** – Centro de Prevenção à Criminalidade;

**CRISP/UFMG** – Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais;

**BRT** – Bus Rapid Transit ou Transporte Rápido por Ônibus;

**GEPAR** – Grupo Especializado em Policiamento de Áreas de Risco;

**GIE** – Grupos de Intervenções Estratégicas;

**IJUCI** – Instituto Jurídico para Efetivação da Cidadania;

**OSCIP** – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público;

**PSDB** – Partido da Social Democracia Brasileira;

**PT** – Partido dos Trabalhadores;

**SEDES** – Secretaria de Estado de Defesa Social.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1. O MUNICÍPIO: HISTÓRIA E ESTIGMATIZAÇÃO</b>	<b>20</b>
1.1 DIVISÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	21
1.2 A HISTÓRIA DE ROSANEVES: UM BREVE RELATO	26
<b>2. OS CPCs</b>	<b>32</b>
2.1 CPC ROSANEVES	35
<b>3. AS OFICINAS: FUNCIONAMENTO E RECREAÇÃO</b>	<b>40</b>
3.1 VISITAS	40
3.1.1 GRAFITE	41
3.1.2 ARTESANATO	50
3.1.3 DANÇA DE RUA	54
3.1.4 INFORMÁTICA	57
3.1.5 BIJUTERIA	59
3.1.6 VÔLEI	62
3.2 OFICINEIROS: LIMINARIDADE ENTRE ESTADO, TERRITÓRIO E JOVENS	63
<b>4. MUDANÇA DE OSCIP</b>	<b>66</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

Em uma ‘sociedade dupla’ (MARTINS, 2003), dividida entre a ‘favela’ e o ‘asfalto’, onde esta se apresenta como a ‘cidade formalizada’ e as áreas periféricas como locais marginalizados, caracterizados pela negligência/ausência dos órgãos públicos, os estereótipos negativos são reiteradamente enfatizados por ações midiáticas. Erving Goffman (1988) mostra que a sociedade estabelece meios de categorização de seus indivíduos ou grupos sociais, buscando prever suas categorias e/ou identidades sociais. Assim, existem, de certa forma, as categorias formalizadas pela (ou da) sociedade, que se encontram, claramente, em meio às classes privilegiadas. Desta forma, vilas, favelas e aglomerados são compreendidos como locais insalubres, violentos, e seus moradores como delinquentes (CHAMPAGNE, 1998b). Assim, os ‘espaços sociais’, tanto da favela quanto da cidade não são reconhecidos como pertencentes ao mesmo ‘espaço físico’ (BOURDIEU, 1998).

Para Pierre Bourdieu (1998) falar de subúrbios, guetos ou áreas marginalizadas/estigmatizadas seria quase que evocar ‘não realidades’, pois estes locais/territórios, normalmente, são amplamente desconhecidos daqueles que falam, principalmente no caso da mídia sensacionalista. Exemplificando bem esta formulação, lanço mão de uma das falas dos jovens participantes da oficina de informática do Programa Fica Vivo! de Ribeirão das Neves: “As pessoas falam mal de Neves porque não conhecem, quando vêm aqui eles pensam diferente. A culpa é da mídia que só mostra o lado ruim de Neves”. Essas ‘não realidades’ atribuídas às áreas precarizadas estigmatizam socialmente seus moradores, pois estes são confundidos com o espaço físico onde vivem, caracterizado pelo abandono/ausência do Estado. Como forma de se esquivar destes estigmas, estes *moradores precarizados*, parecem entender e aderir às políticas públicas como uma possibilidade de maior inclusão social e uma forma de resgatar sua cidadania.

Assim sendo, esta pesquisa se propôs a analisar o Programa de Controle de Homicídios – Fica Vivo!, institucionalizado pelo Governo do Estado de Minas Gerais em 2003 (com parcerias dos órgãos de Defesa Social, polícias Civil, Militar e Federal, o Poder Judiciário, o Ministério Público e as prefeituras municipais), no Centro de Prevenção a Criminalidade Rosaneves (CPC Rosaneves), que abrange os bairros Rosaneves e Sevilha B, localizados em Ribeirão das Neves, cidade

situada na região metropolitana de Belo Horizonte. Visando compreender em que medida este Programa ressignifica e/ou reitera a ideia do ‘cidadão precarizado’ e, por consequência, participa dos processos de construção de identidades sociais de seus participantes.

Para pesquisar as dinâmicas envolvidas na construção do caráter estigmatizado dos moradores de Ribeirão das Neves, é preciso não só entender como seus habitantes se vêem, mas também como são historicamente compreendidos pela população da metrópole à qual pertencem. O teor desta compreensão se ilustra bem através da representação feita sobre eles por parte da mídia; portanto, é necessário fazer uma breve observação dos efeitos desta sobre a sociedade – da sua visão ‘midiática’ e do poder de fabricar representações sociais coletivas.

Existe por parte das mídias um interesse maior pela dramatização das notícias, já que o ‘fora do comum’ pode ser mais rentável comercialmente, e que esta espetacularização da notícia, principalmente através da televisão, tem o poder de “suscitar emoções coletivas” (CHAMPAGNE, 1998b).

“Ora, a mídia age sobre o momento e fabrica coletivamente uma representação social que, mesmo quando está muito afastada da realidade, perdura apesar dos desmentidos ou das retificações posteriores porque ela nada mais faz, na maioria das vezes, que reforçar interpretações espontâneas e mobiliza, portanto, os prejulgamentos e tende, por isso, a redobrá-los. [...] a informação “posta em imagens” produz um efeito de drama que é próprio para suscitar muito diretamente as emoções coletivas. [...] as imagens exercem um efeito de evidência muito poderoso: mais sem dúvida que o discurso, elas parecem designar uma realidade indiscutível, se bem que elas sejam igualmente o produto de um trabalho mais ou menos explícito de seleção e construção [...] que pesam muito na fabricação dos acontecimentos” (CHAMPAGNE, 1998b, p. 64 – Grifo meu).

A construção dos acontecimentos como descrita por Champagne é o resultado de uma mobilização, que pode ser espontânea ou provocada, dos meios de comunicação em torno de alguma coisa com a qual eles concordem.

“Quando são populações marginais ou desfavorecidas que atraem a atenção jornalística, os efeitos de mediação estão longe de ser os que esses grupos sociais poderiam esperar porque os jornalistas dispõem, nesses casos, de um poder de constituição particularmente importante, a fabricação dos acontecimentos foge quase que totalmente a essas populações”. (CHAMPAGNE, 1998b, p. 67).

Não seria correto dizer que os fatos relatados pelos noticiários sejam somente invenções jornalísticas, mas quando se trata da existência visível dos mal-estares sociais, a mídia pode ser um importante difusor da violência nas ruas e do abandono político, e a forma desta difusão depende dos interesses próprios deste setor de atividade (CHAMPAGNE, 1998b). Desta forma a mídia, ao apresentar 'espaços precarizados' como locais excessivamente violentos e exacerbando seus problemas estruturais, com o intuito de causar a 'emoção coletiva' de seus leitores e/ou telespectadores, tendem a gerar, na verdade o sentimento de medo e repugnância coletiva. Fazendo com que essas pessoas estigmatizem esta população, categorizando-as a partir das impressões que têm do espaço físico de onde moram, ignorando suas reais identidades.

O ambiente precarizado produz sobre seus moradores um processo de categorização, como diz Erving Goffman:

"A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias [...] quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua identidade social". (GOFFMAN, 1988, P.11-12)

Assim, imputamos ao indivíduo uma caracterização prevista em relação à sua posição social. Estes atributos estigmatizados são apontados por Goffman (1988) como uma *identidade social virtual*. Na grande maioria dos casos, existe uma discrepância entre a *identidade social virtual* e a *identidade social real*. Principalmente quando o indivíduo não se encontra em sua categoria social prevista.

Os olhares que partem do 'asfalto' dirigem-se para 'o morro' carregados de estereótipos e temores. Contudo, quando a distância física que separa os 'não residentes' dos 'residentes' é mínima, 'o morro' e seus moradores são vistos, em geral, de forma ainda mais negativa (SALES, 2003). A familiaridade cotidiana não reduz necessariamente o menosprezo aos grupos estigmatizados, e mesmo aqueles que estão próximos a estes grupos conseguem, com bastante habilidade, manter os seus preconceitos (GOFFMAN, 1988).

Quando os mal-estares sociais são postos em público, eles deixam de ser um 'problema pessoal' ou 'local' e passam a ser um 'problema social', que deve ser politicamente resolvido (CHAMPAGNE, 1998a). É neste momento que as políticas

públicas de intervenção nas favelas encontram ressonância, para resolver o ‘problema’ da estigmatização destes moradores, ‘incluindo-os’ à sociedade.

Neste trabalho busco mostrar as áreas periféricas – bairros Rosaneves e Sevilha B – através do programa Fica Vivo!, identificando a atuação e o ‘olhar’ dos agentes/oficineiros do programa em relação aos jovens participantes e a percepção destes jovens sobre o mesmo, bem como destes jovens em relação ao meio em que vivem e como sentem que são vistos por parte dos habitantes do ‘asfalto’.

Analiso de forma crítica a “inclusão” – se realmente existir esta inclusão – proposta pelo programa, procurando entender, de forma situada, o binômio inclusão/exclusão, tendo em vista que, frequentemente, em favelas, vilas, aglomerados e regiões periféricas, ocorre um processo de tentativa de “inclusão” segundo regras e lógicas pré-definidas; que muitas vezes reificam a marginalização e o estigma sobre grupos com os quais se trabalha (MARTINS, 2003).

Quando iniciei o projeto de pesquisa para estudar o Fica Vivo! havia pensado, inicialmente, como trabalho de campo, em visitar algumas das maiores e mais faladas na mídia favelas de Belo Horizonte, como o Aglomerado Morro das Pedras, onde o plano piloto do Programa foi implantado, ou o Aglomerado da Serra, que é a maior favela da região metropolitana da capital mineira. Após uma importante revisão bibliográfica para a realização do projeto e preparação para o trabalho de campo, iniciei o processo de autorização/aprovação pela Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDES), momento em que descobri que não poderia escolher o CPC a ser pesquisado, pois seria encaminhada para a base local que a própria SEDES escolhesse.

O processo de autorização/aprovação para visitação de algum CPC do programa teve início em março de 2015 e demorou cerca de um mês. Ao final deste processo fui encaminhada para o CPC Rosaneves em Ribeirão das Neves, sob a alegação de que este CPC ainda não tinha sido alvo de pesquisas, ao passo que os outros dois, sim. (Co)incidência (ou não) o CPC ao qual me indicaram para estudo – a SEDES colocou a escolha deste CPC como uma opção, porém, não apresentaram outras opções – já estava estabelecido no território<sup>1</sup> há mais de 10 anos, sendo

---

<sup>1</sup> O programa Fica Vivo! trata as áreas de abrangência dos CPCs como território, utilizando-se da interpretação deste conceito elaborado pelo geógrafo brasileiro Milton Santos. Ver SANTOS (2000; 2010). Compreendo a importância deste conceito, tão controverso, para a Antropologia, mas ele não será tratado com profundidade nesta pesquisa.

apontado pelos próprios funcionários como um CPC modelo do programa, e, talvez passível de possíveis críticas.

Logo após a inserção ao campo, em maio de 2015, outros processos de autorização/aprovação foram necessários: para ter acesso aos documentos quantitativos e qualitativos produzidos pelo próprio CPC<sup>2</sup>, e para realizar as visitas às oficinas e conversar/entrevistar osicineiros e jovens. Acredito que todos esses processos contribuíram para atrasar o início da pesquisa.

Ser encaminhada ao CPC Rosaneves em Ribeirão das Neves foi uma surpresa, pois não tinha ideia de como era a cidade, a não ser pelo que era exposto na mídia, e, a imagem desta cidade apontada pela mídia se mostrava de forma bastante negativa e violenta. Como expõem Champagne (1998b) é através da mídia que os mal-estares sociais ganham visibilidade e passam a ser debatidos publicamente, e, neste caso, com frequência, sofrem deformações para serem dignos de 'manchete'. O autor entende que estes mal-estares sociais passam a ter uma existência visível quando expostos na mídia, e são percebidos através do abandono/ausência do Estado e do alto grau de violência em regiões periféricas. Assim, a minha entrada em campo foi carregada de (pré)conceitos e estereótipos.

Esses receios e preconceções iniciais mesclaram-se com o medo dos perigos que essa região podia apresentar. Assim, foi um início de campo muito apreensivo, porém com muitas expectativas: o CPC ainda não tinha sido pesquisado/estudado de forma acadêmica, como os CPCs que outrora desejava estudar; a cidade é carregada de estereótipos negativos, produzidos pela mídia e enfatizados pelos habitantes da capital, fatos que corroboravam com os fundamentos do projeto que havia desenvolvido. Com o início das visitas, principalmente às oficinas, e o contato semanal com o cotidiano da cidade, as visões estereotipadas e negativas que tive em relação ao território foram os poucos se desmistificando.

Ao iniciar as visitas às oficinas, me apresentei como graduanda da UFMG, que faria uma pesquisa sobre a inclusão/exclusão promovida pelas Políticas Públicas em regiões periféricas. Logicamente os jovens tiveram receios em relação à minha presença, e, neste momento, percebi que precisaria de outros meios e métodos, que não aprendi em textos nem artigos, para me aproximar deles. Como

---

<sup>2</sup> Tive autorização para ler esses documentos no CPC, mas não pude retirá-los para análises mais aprofundadas, nem fotografá-los.



as oficinas abrangem jovens de diferentes idades, trajetórias e pensamentos, encontrei grande diversidade de indivíduos e grupos.

Após muitas conversas, passeios pela região e aproximações, os jovens foram perdendo o receio e conversando de forma mais aberta sobre o território, problemas e perspectivas em relação à vida e sobre o Fica Vivo!. Foi uma escolha, e acredito que acertada para esse momento de pesquisa, não fazer entrevistas diretas com esses jovens, pois temia que achassem muito invasivo, assim programei conversas e dinâmicas em grupo onde propunha ideias e conceitos que eles discutiam. Estes espaços/momentos para conversas e discussões com os jovens foram generosamente cedidos e organizados pelosicineiros, aos quais agradeço imensamente.

Atualmente existe um considerável número de trabalhos que versam sobre as possibilidades de interpretação em relação às favelas, aglomerados e áreas periféricas: desde textos históricos a dissertações, teses, artigos (acadêmicos e jornalísticos) e livros, abordando diversas áreas do conhecimento, alguns dos quais constituem a base desta pesquisa. Além disso, valho-me de documentos referentes às estratégias do poder público para intervenção nestas áreas, tais quais estatísticas e relatórios disponibilizados pela Secretária de Estado de Defesa Social.

Visando a obtenção de dados qualitativos sobre o cotidiano do CPC Rosaneves e da região de abrangência do Fica Vivo!, considero que a observação participativa constituiu uma modalidade adequada para a pesquisa realizada tanto no próprio CPC quanto nas oficinas ofertadas pelo programa. O observador ao participar da comunidade pode construir com todos, ou com uma parte do grupo da pesquisa, a interpretação dos acontecimentos que observa. As coletas de dados em campo constituem uma importante fonte de informações da pesquisa, sendo muitas destas evidências construídas através de declarações feitas por membros do grupo sobre os acontecimentos que tenham ocorrido ou estejam em processo (BECKER, 1997). O contato com os moradores e jovens participantes do programa e suas vivências foi fundamental para perceber as suas ações ou não-ações diante do Programa Fica Vivo!. Além das anotações, a fotografia foi um importante recurso para o registro das atividades em campo.

Também foram feitas entrevistas/conversas com técnicos sociais eicineiros que trabalham no programa Fica Vivo!, bem como conversas/dinâmicas com os jovens que participam das oficinas de grafite, artesanato, dança de rua, informática,

bijuteria e vôlei. No caso destas entrevistas/conversas/dinâmicas, me propus a utilizar o método de entrevista não-diretiva, pois as entrevistas com questionários fechados e conceitos preconcebidos podem restringir a exploração do problema. Com muita frequência, de acordo com Jessé Souza (2009), entrevistas estruturadas são carregadas de estereótipos que refletem apenas o discurso auto-legitimador da classe média “[...] que ‘sabe’ responder entrevistas desse tipo porque se apropriou do discurso ‘politicamente correto’ tido como válido [...]” (SOUZA, 2009, p.434).

Como mostra Thiollent (1985), a profundidade da entrevista permitida pela não-diretividade está ligada à sua capacidade de facilitar a produção de significações fortemente carregadas de afetividade, mesmo quando se apresentam como estereótipos. Estes estereótipos representam sintomas de modelos culturais que se manifestam na vivência dos indivíduos ou no grupo considerado, sendo o objetivo da entrevista não-diretiva a apreensão da dimensão social e individual através das falas dos entrevistados.

Outros métodos, não convencionais, como e-mail e o *whatsApp*, foram importantes para a realização desta pesquisa e para estabelecer um contato mais próximo com os técnicos sociais, oficinairos e jovens participantes do programa, por meio dos quais foram possíveis a troca de informações e fotografias. Além disso, a importância da utilização do *whatsApp* como ferramenta de pesquisa deve ser ressaltada, pois, este método possibilitou a comunicação direta, sem intervenção do CPC, e rápida, com os oficinairos e jovens.

Este trabalho está dividido em quatro grandes capítulos: 1. O Município: História e Estigmatização; 2. Os CPCs; 3. As Oficinas: Funcionamento e Recreação; 4. Mudança de OSCIP; Além da conclusão e referências bibliográficas.

O primeiro capítulo, O Município: História e Estigmatização, contará inicialmente a história da formação da cidade de Ribeirão das Neves, mostrando de que forma se construiu parte da estigmatização desta população, que está ligada, entre outros fatores, à presença dos presídios. Este capítulo está dividido em dois subcapítulos: Divisão dos Espaços Públicos, que mostrará os espaços utilizados pelas oficinas oferecidas pelo Fica Vivo!; e, A História de Rosaneves: Um Breve Relato, em que veremos a história de violência do bairro Rosaneves, onde está inserido o CPC pesquisado, e como essa história marcou (e ainda marca) os moradores desta região.

No capítulo “Os CPCs”, que tem um subcapítulo intitulado “CPC Rosaneves”, veremos a formulação dos CPCs do programa, que estão presentes em Belo Horizonte, na sua região metropolitana e em algumas outras cidades de Minas Gerais, e, mais especificamente, as características do CPC estudado nesta pesquisa.

O terceiro e maior capítulo desta pesquisa, analisará o foco principal deste trabalho: as Oficinas. Pois é nas oficinas que as ações e não-ações do programa ocorrem, onde as relações entre oficineiros e jovens se estabelecem, e é nas oficinas que o programa pode traçar e problematizar a dinâmica do território onde está inserido, bem como das identidades sociais a ele relacionadas.

No quarto e último capítulo veremos o processo de mudança de OSCIP, do Instituto Elo para o Instituto Jurídico para Efetivação da Cidadania – IJUCI, e seus efeitos na relação jovens/Fica Vivo! e Jovens/oficineiros.

Por fim, veremos na conclusão a sistematização de todo esse processo de compreensão sobre o estigma social existente sobre a região e seus moradores e de que maneira a intervenção do poder público por meio do Programa Fica Vivo! se relaciona com essa dinâmica. Tentarei neste momento mostrar de que forma este Programa participa, em certo nível, do processo de (re)construção da identidade social dos jovens participantes, reiterando a ideia de *cidadão precarizado*.

## 1. O MUNICÍPIO: HISTÓRIA E ESTIGMATIZAÇÃO<sup>3</sup>

Acredita-se, popularmente, que a história de Ribeirão das Neves está diretamente ligada à construção dos presídios, mas a construção deste município, denominado, inicialmente, Matas de Bento Pires, tem suas primeiras documentações datadas do século XVIII.

No ano de 1745 Jacintho Vieira da Costa, então mestre de campo, obtêm os direitos das terras de Matas de Bento Pires e constrói no local uma capela dedicada à Nossa Senhora das Neves que é responsável por nomear a Fazenda das Neves e posteriormente, em 1746, o Engenho das Neves. No ano de 1760, Vieira da Costa morre, legando os direitos da terra ao seu único filho legítimo, Antônio Vieira da Costa, que morre em 1796 sem herdeiros. Os bens são leiloados e arrematados pelo Capitão José Luís de Andrade, português, morador de Vila do Sabará, que toma posse da Fazenda das Neves e também da Fazenda dos Carijós, onde atualmente encontram-se os bairros Santa Marta, Santa Martinha, Porto Seguro e Nova União. Em 1820 é criada uma Guarda-Moria nas Capelas de Nossa Senhora das Neves e Santo Antônio da Venda Nova.

Neves é elevada a Distrito de Paz através da lei Providencial de 15 de setembro de 1827, reforçada pelo Decreto de 11 de setembro de 1830, com uma população aproximada de 1.241 habitantes. Mas em 1846 a degradação da capela e o aumento da população faz com que o então vereador, Padre José Maria de Andrade, reduzisse Neves à condição de distrito novamente. Neves é então anexada ao distrito de Venda Nova e posteriormente ao distrito de Pindahybas, atual Vera Cruz de Minas, e assim ficou até 1911, quando as duas foram anexadas ao município de Contagem.

No ano de 1927, o Estado de Minas Gerais adquire as fazendas do Mato Grosso e parte da Fazenda de Neves para construção de uma Penitenciária Agrícola que impulsionaria o crescimento populacional da região. Esta seria na época a maior penitenciária da América do Sul e a primeira dentre as cinco construídas em Ribeirão das Neves.

Contagem perde sua autonomia de município em 1938, e é anexada a Betim, juntamente com todos os seus distritos, incluindo Neves e Campanha. Neste mesmo

---

<sup>3</sup> Os dados referentes à história do município de Ribeirão das Neves foram retirados do site da Câmara Municipal de Ribeirão das Neves. Disponibilizado em: <<http://migre.me/uBjON>>, visualizado em: 16 de out. De 2016.

ano, a Penitenciária Agrícola de Neves foi inaugurada. Por cinco anos, Neves pertenceu a Betim, quando foi, então, anexada ao município de Pedro Leopoldo, criado no ano de 1943. Essa mesma lei, que transfere o distrito de Neves para Pedro Leopoldo, altera seu nome para Ribeirão das Neves.

Ribeirão das Neves se torna município através da Lei nº 1.039 de 12 de dezembro de 1953 sendo anexado ao seu território o distrito de Campanha com o nome alterado para Justinópolis e o povoado de Areias.

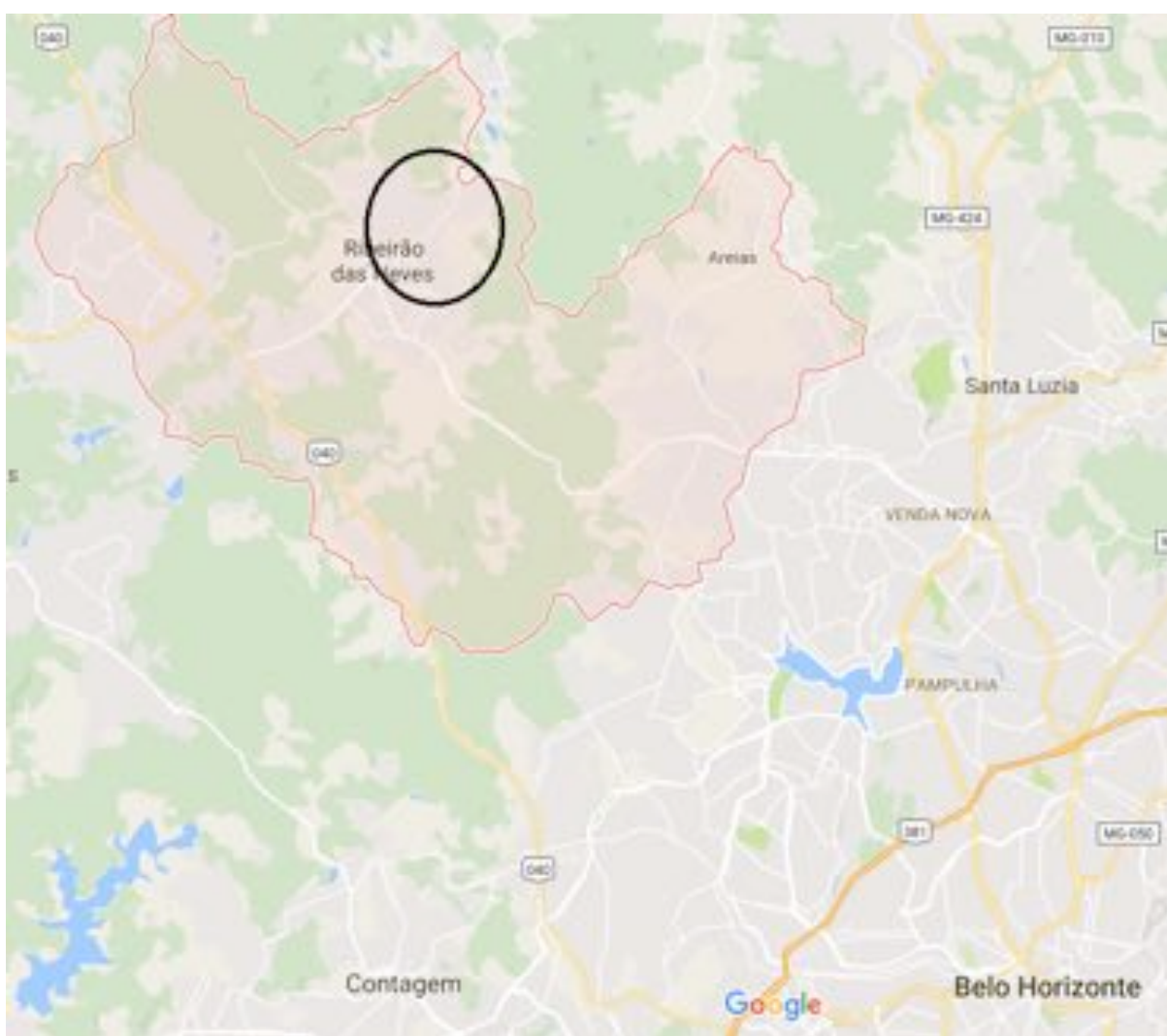
Tendo esta história ignorada, este município, localizado na região metropolitana (periférica) de Belo Horizonte, sofre com uma forte estigmatização, como veremos no decorrer esta monografia, sendo considerada uma cidade dormitório, pois acredita-se que esta cidade serve apenas como alojamento para seus moradores, que trabalham e passam o dia na capital, e, reforçando seus estigmas, a cidade dos presídios. Em uma dinâmica realizada na oficina de bijuteria no dia 11 de março de 2016, os jovens e oficineiro demonstraram seu descontentamento em relação aos estereótipos que são empregados à cidade de Ribeirão das Neves e conseqüentemente a seus moradores. Estereótipos como “Ribeirão das trevas”, “roça Neves” e a generalização em relação aos presídios: “morador de Ribeirão das Neves ou é bandido ou parente de bandido”. Toda essa estigmatização em relação à cidade também é repassada para os moradores da região, por meio de um mecanismo em que as características sociais desta população passam a ser definidas, dentre outros fatores, pelo espaço físico em que vivem.

## **1.1 DIVISÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS**

Como já foi dito anteriormente, esta pesquisa foi realizada no CPC Rosaneves, localizado na cidade de Ribeirão das Neves, cidade pertencente à grande Belo Horizonte:



MAPA 1: Mapa da cidade de Belo Horizonte. Acima da imagem podemos observar, perifericamente, a cidade de Ribeirão das Neves. Imagem retirada do Google Maps, 2016.



MAPA 2: Mapa da cidade de Ribeirão das Neves. Cidade localizada na região metropolitana (periferia) de Belo Horizonte. Imagem retirada do Google Maps, 2016. A parte assinalada representa a região onde estão localizados os bairros de abrangência do CPC Rosaneves.

Os Bairros de abrangência do CPC Rosaneves são: o Bairro Rosaneves, que dá nome ao CPC e onde o mesmo está instalado e o Bairro Sevilha B (ou Sevilha Segunda Seção). São nestes bairros que ocorrem as atividades deste CPC, que incluem 15 oficinas (4 oficinas de futsal masculino, com oficinairos, dias e horários diferentes e uma de futsal feminino; duas oficinas de voleibol, também com oficinairos, dias e horários diferentes; mais as oficinas de futebol de campo, dança de rua, informática, bijuteria, música, artesanato, desenho e grafite).



MAPA 3: Mapa do bairro Rosaneves. Imagem retirada do Google Maps, 2016.



MAPA 4: Mapa do bairro Rosaneves com as marcações das oficinas e os locais de realização. Imagem retirada do Google Earth, 2016. Localizações definidas através dos endereços das oficinas disponibilizados pelo CPC Rosaneves.



MAPA 5: Mapa do bairro Sevilha B. Imagem retirada do Google Maps, 2016.





MAPA 6: Mapa do bairro Sevilha B (ou Sevilha 2ª seção) com as marcações das oficinas e os locais de realização. Imagem retirada do Google Earth, 2016. Localizações definidas através dos endereços das oficinas disponibilizados pelo CPC Rosaneves.



MAPA 7: Mapa das 15 oficinas ofertadas pelo Fica Vivo! no território de abrangência do CPC Rosaneves, nos bairros Rosaneves e Sevilha B. Imagem retirada do Google Earth, 2016. Localizações definidas através dos endereços das oficinas disponibilizados pelo CPC Rosaneves.

Como podemos observar nos mapas acima, as quinze oficinas ofertadas pelo programa estão espalhadas por todo o território dos bairros Rosaneves e Sevilha B, e ocupam desde espaços públicos, como escolas, praças e espaços comunitários, a,

em alguns casos, espaços privados, como o salão de uma igreja protestante e uma quadra de esportes particular – neste último caso o oficinairo paga aluguel para o dono do local. A oficina de grafite apresenta uma condição específica, pois é a única que ocorre no próprio CPC.

Algumas oficinas são ministradas no mesmo local, como: as oficinas de futsal masculino (oficineiro Edilson) e desenho que acontecem na Escola Municipal Francisco Cândido da Silva; futsal masculino (oficineiro Tiago) e vôlei (oficineiro Aldair) que ocorrem na Praça do Lula (dizem que presidente Luiz Inácio Lula Da Silva foi ao bairro inaugurar essa praça, que possui outro nome, mas que ninguém sabe qual é); futsal masculino (oficineiro Adirley) e vôlei (oficineiro Célio) que são oferecidas na quadra de areia do seu Geraldo (dono do espaço); futsal masculino e feminino (oficineiro Francisco) e dança de rua que são ministradas na Escola Estadual João Correa Armond.

## **1.2 A HISTÓRIA DE ROSANEVES: UM BREVE RELATO<sup>4</sup>**

O bairro Rosaneves possui um histórico violento que por muito tempo ‘manchou’ (e de certa forma ainda mancha) a imagem do território e de seus moradores<sup>5</sup>. Norbert Elias (2000) nos mostra em “Os Estabelecidos e os Outsider” que mesmo quando a delinquência de um local historicamente violento diminui, a imagem que se tem desta região e as lembranças dos índices de violência antigos não desaparecem, pois estes locais continuam sendo estigmatizados “[...] como uma área em que a delinquência grassava.” (p.15).

No ano de 2005, após a implantação do CPC no bairro, os técnicos sociais que estavam em atividade no programa viram a necessidade de conversar com a população local buscando traçar a dinâmica criminal do território. Nesta ocasião os técnicos perceberam que a comunidade não falava muito sobre a criminalidade local: ‘lei do silêncio’. Porém, com o passar do tempo e crescente confiabilidade no

---

<sup>4</sup> Este relato foi retirado do documento “Dinâmica Criminal CPC Rosaneves”, elaborado pelos técnicos sociais em atividade Nelma Souza Santos e Luiz Carlos Rodrigues de Souza, no ano de 2005. Tive autorização para ler este documento no CPC, mas não pude imprimir ou fotografá-lo.

<sup>5</sup> Em conversa com alguns moradores do bairro e com jovens da região, vemos que a chegada do Programa Fica Vivo! foi considerada pelos mesmos como positiva para diminuição desta violência. Mas, podemos observar, através de conversas mais aprofundadas com os técnicos sociais, oficinairos e jovens da região, que existe uma (co)incidência entre a diminuição da criminalidade e o momento em que o tráfico organizado se instala e implanta suas leis, que visam não chamar a atenção policial para o território.

programa, essa lei foi aos poucos sendo quebrada e a história da criminalidade do bairro – uma história um tanto vaga e quase mítica – tem sido registrada pelo Estado a partir dessa nova institucionalidade/política pública instalada no território.

De acordo com relatos de moradores da região aos técnicos sociais do CPC Rosaneves, entre os anos de 2000 e 2003 o território era comandado por dois nordestinos conhecidos como ‘Cebola’ e ‘Zé das Couves’, ambos caracterizados como pessoas autoritárias e altamente violentas – os técnicos sociais e moradores da região disseram que a violência era tanta que anos mais tarde foram encontrados na região locais de ‘desova’ e poços com ossadas. Nessa época, conforme depoimento de antigos moradores e oficinairos que moram há muitos anos no território, as pessoas eram assassinadas de forma desumana e sem motivos aparentes. As mortes eram ‘espetacularizadas’ e apresentavam requintes de crueldade, caracterizando uma demonstração de poder. Após 2003, por motivos não explicados, mas que provavelmente estavam ligados à disputa de poder, as famílias de ‘Cebola’ e ‘Zé das Couves’ se tornaram rivais, perdendo força no bairro e abrindo espaço para outras lideranças. Neste momento, por volta do ano de 2005, mesmo ano de implementação do programa Fica Vivo!, o tráfico organizado se instala na região. Uma figura um tanto ‘lendária’ surge: o ‘Alemão’. O tráfico passou a ocorrer de forma mais ordenada, por grupos pequenos, alguns até familiares e de forma muito discreta: “todos sabem onde fica a ‘boca’ mas ninguém comenta nada”<sup>6</sup>. Os homicídios diminuíram, as pessoas passaram a ter menos medo.

Com o surgimento das ‘leis do tráfico’ os homicídios passaram a acontecer por motivos específicos, como podemos observar na fala de um jovem dita durante uma dinâmica realizada na oficina de bijuteria no dia 11 de março de 2016: “só não pode pisar na bola, porque se pisar...”. A lei é bem organizada: delitos leves, como roubos, merecem uma segunda chance, uma notificação antes de qualquer sentença que neste caso pode ser a morte. Delitos mais graves, como estupros e assassinatos sem motivo e/ou autorização são sentenciados à morte de imediato. Mas o que aparentemente causa maior número de homicídios no território é a dívida com o tráfico: se alguém fica devendo ou fez um ‘derrame’ (pegou para vender, mas

---

<sup>6</sup> Fala de uma oficinaira, em conversa informal, quando falávamos dos jovens que participam das oficinas e consumiam drogas (fora do espaço das oficinas). Esta fala ilustra a existência de, mesmo que aparentemente branda, uma ‘lei do silêncio’. Alguns locais de venda foram apontados ao longo das minhas visitas, principalmente os que se encontram próximos aos locais de algumas oficinas.

não vendeu) paga com trabalho para o tráfico ou, em último caso, é executado. Uma vez dentro desse círculo do tráfico fica muito difícil de sair.

Assim, os homicídios em Rosaneves e Sevilha B ocorrem na lógica do tráfico, que, desta forma, mantém o domínio e a ordem na região. Essas consequências punitivas àqueles que 'desobedecem' ou não cumprem uma determinada imposição do tráfico de drogas é conhecida na região por "Chico Doce", trata-se de agressões físicas e verbais que podem, ou não, levar ao falecimento. Essa expressão foi dita em uma dinâmica realizada na oficina de bijuteria no dia 11 de março de 2016, não se sabe a sua origem e, curiosamente, os jovens que a reproduzem no cotidiano também não.

A polícia é presente no bairro, mas não é muito bem-vinda por parte de alguns moradores, como foi me informado pelos técnicos sociais do programa e alguns oficineiros, pois quando precisaram da polícia, antes do tráfico organizado se instalar e instituir suas leis, eles nada fizeram. Porém, o Programa Fica Vivo! tem relação institucional com os Grupos de Intervenções Estratégicas (GIE) constituídos pela Polícia Militar (Grupo Especializado em Policiamento de Áreas de Risco – GEPAR), Polícia Civil, Ministério Público, Judiciário e Secretaria Municipal de Segurança Pública. Assim, se a polícia não é bem quista no território, de que forma o Fica Vivo! foi aceito? Observando a dinâmica do CPC e das oficinas podemos perceber que existe um laborioso processo de confiabilidade e identificação. Os jovens não têm a base local do CPC como um ponto de apoio específico, eles se identificam com as oficinas e com os oficineiros que são da região e de certa forma viveram, e vivem, a mesma realidade que eles (a relação jovem/oficineiro será elaborada com mais detalhes no terceiro capítulo). Para adquirir a confiança desses jovens os técnicos sociais ficam próximos, mostram que entendem suas realidades e que estão abertos para acolher solicitações e atender qualquer situação em que possam ajudar<sup>7</sup>.

Percebemos desta forma que os bairros Rosaneves e Sevilha B são historicamente considerados e vistos como os bairros dos mais violentos da cidade

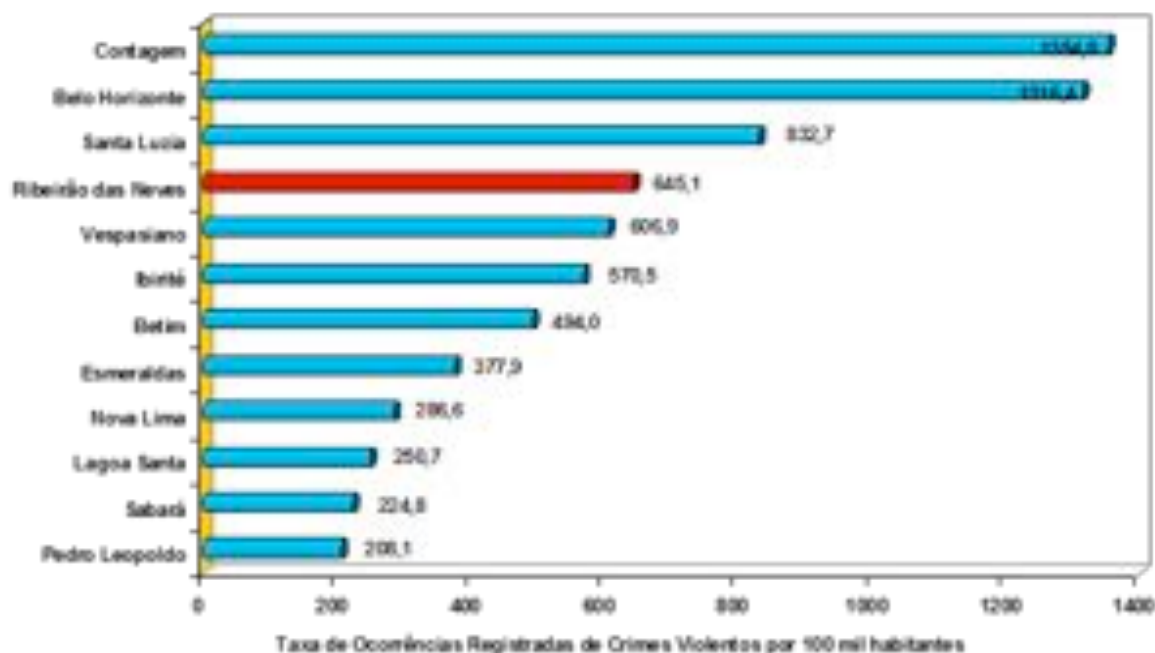
---

<sup>7</sup> O programa conta com o 'Atendimento Individual', que não é um acompanhamento psicoterápico clássico, nem um estudo socioeconômico. Estes atendimentos, realizados pelos técnicos sociais do Programa Fica Vivo!, têm como principal objetivo levar os jovens a ponderar e a refletir sobre suas próprias histórias de vida, considerando as condutas de risco que podem levá-los à morte e/ou ao aprisionamento institucional. Muitas vezes, o atendimento individual configura-se, também, como um espaço para a elaboração de um Projeto de Vida. O tempo deste atendimento depende da necessidade do jovem. (Dados passados pelos técnicos sociais por e-mail).

de Ribeirão das Neves: “Em BH falam de Neves e em Neves falam de Rosaneves”, fala de um dos técnicos sociais do Fica Vivo! no CPC Rosaneves que ilustra como os moradores do bairro em questão são estigmatizados não só pelos cidadãos de Belo Horizonte por morarem na “cidade dos presídios”, mas também pelos moradores de Ribeirão das Neves por morarem no bairro do tráfico e da violência, reforçando assim seus estigmas.

No gráfico e tabelas abaixo, produzidos por estudos realizados pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais (CRISP/UFMG) no ano de 2005 podemos analisar comparativamente a taxa de ocorrências registradas de crimes violentos ocorridos na região metropolitana de Belo Horizonte entre os anos de 1999 a 2003, e a comparação dos índices de crimes violentos, como homicídios e tentativas de homicídios, entre os anos de 1998 a 2004, entre os bairros de Ribeirão das Neves:

**Variabilidade das Taxas de Ocorrências Registradas pela Polícia Militar de Minas Gerais de Crimes Violentos por Município da Região Metropolitana de Belo Horizonte – 1999 a 2003**



Fonte: DIAGNÓSTICO – RIBEIRÃO DAS NEVES. Documento produzido pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais - CRISP/UFMG. Maio de 2005.

**Número de Ocorrências Registradas pela Polícia Militar de Minas Gerais de  
Homicídios por Bairros de Ribeirão das Neves, Município da Região  
Metropolitana de Belo Horizonte – 1998 a 2004**

<b>Homicídios nos Bairros de Ribeirão das Neves - 1998 a 2004</b>			
<i>Bairros de Ribeirão das Neves</i>	<i>Número de Ocorrências Registradas</i>	<i>Percentual</i>	<i>Percentual Acumulado</i>
ROSA NEVES	43	6,50	6,50
FLORENÇA	43	6,50	12,99
VENEZA	41	6,19	19,18
SEVILHA SEGUNDA SEÇÃO	26	3,93	23,11
SANTINHO	19	2,87	25,98
MARIA HELENA	19	2,87	28,85
FAZENDA CASTRO	18	2,72	31,57
LANDI SEGUNDA SEÇÃO	16	2,42	33,99
MENEZES	16	2,42	36,40
CIDADE NEVIANA	15	2,27	38,67
URCA	14	2,11	40,79
GRANJAS PRIMAVERA	13	1,96	42,75
METROPOLITANO	12	1,81	44,56
SAN GENARO	12	1,81	46,37
HORIZONTE	12	1,81	48,19
DEMAIS BAIRROS	343	51,81	100,00
TOTAL	662	100,00	100,00

Fonte: DIAGNÓSTICO – RIBEIRÃO DAS NEVES. Documento produzido pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais - CRISP/UFMG. Maio de 2005.

**Número de Ocorrências Registradas pela Polícia Militar de Minas Gerais de  
Tentativas de Homicídios por Bairros de Ribeirão das Neves, Município da  
Região Metropolitana de Belo Horizonte – 1998 a 2004**

<b>Tentativas de Homicídio nos Bairros de Ribeirão das Neves - 1998 a 2004</b>			
<i>Bairros de Ribeirão das Neves</i>	<i>Número de Ocorrências Registradas</i>	<i>Percentual</i>	<i>Percentual Acumulado</i>
VENEZA	92	6,78	6,78
FLORENÇA	69	5,08	11,86
SEVILHA SEGUNDA SEÇÃO	66	4,86	16,73
URCA	45	3,32	20,04
ROSA NEVES	38	2,80	22,84
MENEZES	33	2,43	25,28
STATUS	33	2,43	27,71

BOTAFOGO SEGUNDA SEÇÃO	33	2,43	30,14
LANDI SEGUNDA SEÇÃO	32	2,36	32,50
PEDRA BRANCA	31	2,28	34,78
MARIA HELENA	31	2,28	37,07
LABANCA	30	2,21	39,28
SANTA FE	30	2,21	41,49
ESPERANCA	23	1,69	43,18
SANTA MARTINHA	21	1,55	44,73
DEMAIS BAIRROS	750	55,27	100,00
TOTAL	1357	100,00	100,00

Fonte: DIAGNÓSTICO – RIBEIRÃO DAS NEVES. Documento produzido pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais - CRISP/UFMG. Maio de 2005.

Observamos que Ribeirão das Neves era classificada como a quarta cidade mais violenta entre doze cidades da região metropolitana. E vemos, numa escala menor, que os Bairros Rosaneves e Sevilha Segunda Seção (mais conhecido como Sevilha B), bairros de abrangência do CPC Rosaneves, se destacavam entre as primeiras posições de homicídios e tentativa de homicídio na Cidade de Ribeirão das Neves.

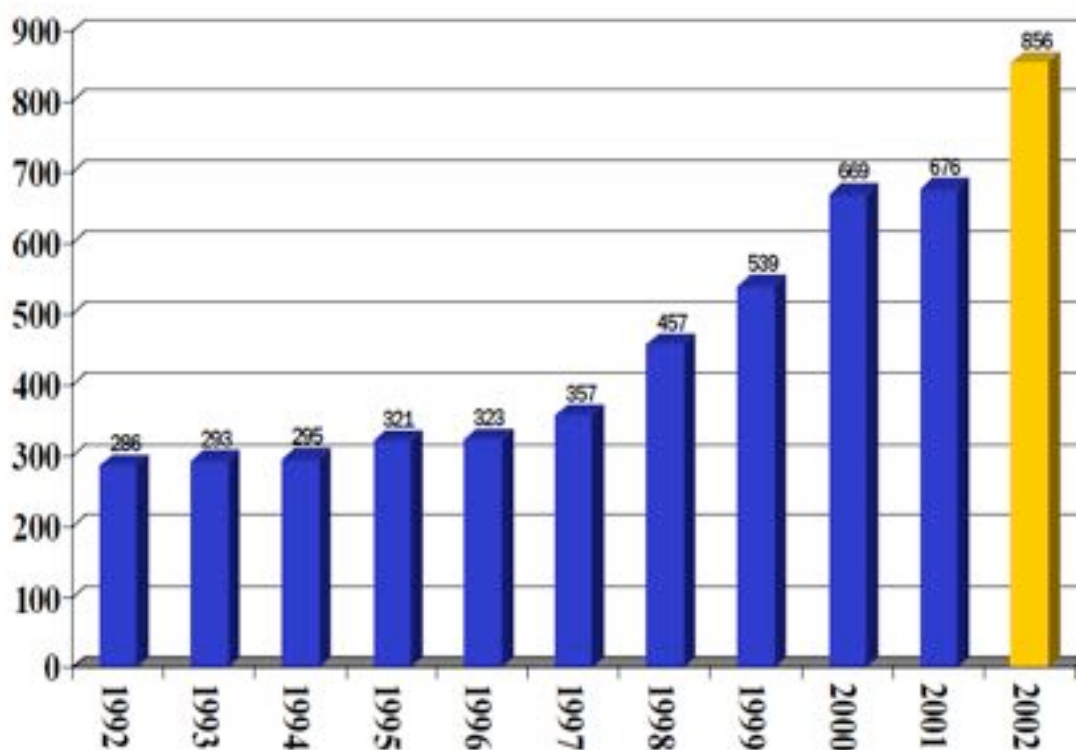
## 2. OS CPCs

Em documento disponibilizado pela Secretaria de Estado de Defesa Social – SEDES, podemos compreender o processo de criação do plano piloto do Programa de Controle de Homicídios, o decreto que institucionalizou o programa e a metodologia adotada desde 2002.

Segundo esse documento, pesquisas realizadas em 2002 pelo de Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais (CRISP/UFMG) deram visibilidade ao acentuado crescimento do número de homicídios em Belo Horizonte.

### Crescimento do Número de Homicídios em Belo Horizonte CRISP/UFMG – 2002

Fonte: CRISP/UFMG



Fonte: PROGRAMA DE CONTROLE DE HOMICÍDIOS – FICA VIVO!. Documento produzido pelo GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS/SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA SOCIAL/SUPERINTENDÊNCIA DE PREVENÇÃO À CRIMINALIDADE. Junho de 2009.

A pesquisa também revelou que estes homicídios aconteciam em regiões específicas da cidade, – “Mais que uma *explosão* da criminalidade, os dados de homicídios apontavam, contudo, para uma *implosão* [...]”, pois “[...] vítimas e



agressores coabitavam o mesmo espaço [...]” (Programa de Controle de Homicídios, 2009) – e estavam relacionados em sua maioria a jovens de 15 a 29 anos, negros e do sexo masculino. Tendo em vista esses dados o CRISP/UFMG propôs, junto ao Comando de Polícia da Capital e a Chefia de Polícia Civil, bem como aos funcionários da administração municipal e estadual, a realização de um curso visando a criação de um programa de controle de homicídios. Ao final do curso quatro níveis de problemas foram destacados: institucional, organizacional, comunitário e individual. Foram definidas estratégias de intervenção para cada item, dando início ao “Projeto de Controle de Homicídios”. Para a implantação do plano piloto do programa, ainda em 2002, foi escolhido o Aglomerado Morro das Pedras que na época era considerado um dos locais mais violentos de Belo Horizonte.

Os moradores do Aglomerado Morros das pedras, onde o plano piloto do programa foi implantado, interviram no nome do programa, pois não queriam que sua região fosse identificada de imediato como um local de violência e homicídios. Assim, uma instituição ligada à área de comunicação desenvolveu a marcar/logo: Fica Vivo! (Programa de Controle de Homicídios, 2009).



IMAGEM 1: Logo do programa grafitado na parede do CPC Rosaneves em uma oficina de Grafite. Arquivo Pessoal. 2015.

Nos primeiros meses de implantação do programa, os resultados já podiam ser vistos, como a diminuição de 40% dos homicídios da região e a circulação com tranquilidade dos moradores no território, que teria se tornado novamente possível de acordo com o relatório do próprio programa junto ao CRISP/UFMG. Assim, com a demonstração de resultados positivos, este programa foi institucionalizado e em

2003 implantado em outras favelas Belo Horizonte, região metropolitana da capital e algumas cidades de Minas Gerais (Programa de Controle de Homicídios, 2009).

Atualmente, o programa conta com 29 CPCs que oferecem juntos cerca de 600 oficinas; as oficinas são escolhidas através de edital e dependem das demandas do território de implantação do programa. Os CPCs existentes são:

- Belo Horizonte: Pedreira Prado Lopes, Morro das Pedras, Ribeiro de Abreu, Taquaril, Cabana Pai Tomás, Jardim Felicidade, Conjunto Esperança/Vila Cemig, Minas Caixa, Jardim Leblon, Serra, Santa Lúcia, Primeiro de Maio e Vila Pinho;
- Santa Luzia: Palmital e Via Colégio;
- Contagem: Nova Contagem e Ressaca;
- Betim: Jardim Teresópolis, PTB e Citrolândia;
- Vespasiano: Vespasiano/Morro Alto;
- Ribeirão das Neves: Justinópolis, Rosaneves e Veneza;
- Montes Claros: Santos Reis e Cidade Cristo Rei;
- Governador Valadares: Turmalina e Carapina;
- Ipatinga: Betânia;
- Uberlândia: Morumbi.

Os CPCs são as sedes/bases de referência do Programa, localizados nas comunidades atendidas. Todos os CPCs possuem seus gestores sociais e equipes técnicas específicas, que atendem os jovens e as demandas do território, através das seguintes atividades: análise da dinâmica criminal e da violência no território de abrangência; monitoraria das oficinas, garantindo que estas sejam eficazes; observação das necessidades dos jovens e da comunidade local criando projetos de circulação, locais, (inter)institucionais ou fóruns comunitários; atendimentos individuais com os jovens, caso o mesmo procure por livre demanda ou seja encaminhado por algum oficinairo.

Essas atividades e intervenções só são passíveis de aplicação devido aos relatórios que os oficinairos reportam mensalmente ao CPC, descrevendo o andamento das oficinas e os problemas relatados pelos jovens sobre fatos pessoais ou do território.

## 2.1 CPC ROSANEVES

O CPC Rosaneves foi inaugurado no dia 29 de novembro de 2005, atendendo, através das suas oficinas, jovens de 12 a 24 anos inseridos/envolvidos em situações de violência, infração e/ou criminalidade no bairro Rosaneves. No ano de 2008 percebeu-se, como me foi informado pelos técnicos sociais do programa, através das observações dos oficinairos em relação ao território e de relatos dos jovens participantes, a necessidade de ampliação da área de abrangência do programa para o bairro vizinho, Sevilha B, pois o tráfico de drogas e a violência haviam se espalhado. Na época da pesquisa os técnicos sociais em atividade cogitavam a ideia de ampliar o programa para o bairro Barcelona, bairro novo (terreno recentemente ocupado), ainda em crescimento, que faz divisa com os dois bairros atendidos pelo programa, pois o tráfico já grassava na região – até o presente momento essa anexação não ocorreu.

O objetivo deste Programa é intervir na realidade social das comunidades com altos índices de violência e homicídios, buscando a prevenção desses eventos através de ações integradas de *medidas de proteção social e intervenções estratégicas*. Utiliza-se para tanto do modelo de prevenção à criminalidade elaborado pelo CRISP/UFMG, denominado *metodologia de solução problemas*. Este modelo parte da premissa que os eventos criminosos são gerados por um conjunto de fatores que o antecedem, como o aumento da população nos grandes centros urbanos, a concentração das pessoas nos espaços, a desigual distribuição de renda e a falta de políticas públicas direcionadas ao problema da violência urbana (Programa de Controle de Homicídios, 2009). Assim, as oficinas trabalham neste sentido, o de prever, através das ações dos jovens, os possíveis problemas e acontecimentos do território buscando amenizá-los e/ou saná-los.

O CPC Rosaneves abriga os programas de Mediação de Conflitos e o Fica Vivo!, este último, foco desta pesquisa. O objetivo do Programa Mediação de Conflitos, fundado em 2005 pela SEDES, é empreender orientações sociojurídicas, ações de mediações, articulação e fomento à organização em comunidade e institucional. Este programa não faz parte do projeto elaborado pelo CRISP/UFMG. Enquanto o Fica Vivo! busca controlar e prevenir, através das oficinas e dos atendimentos individuais, a ocorrência de homicídios dolosos em áreas com altos índices de criminalidade violenta.

O Fica Vivo! no CPC Rosaneves, na época da pesquisa, trabalhava com dois técnicos sociais: o Hugo, que entrou na equipe no mesmo momento em que eu iniciava a minha pesquisa, formado em psicologia e morador do Bairro Veneza (este bairro, situado na periferia de Ribeirão das Neves, também sofre com a estigmatização em relação aos altos índices de violência, e, portanto, possui um CPC próprio, administrado pelo mesmo gestor do CPC Rosaneves); e a Nelma, que estava no programa desde sua implantação no bairro, formada em assistência social, mora em Venda Nova – Belo Horizonte, bairro que faz fronteira com o bairro Justinópolis pertencente a Ribeirão das Neves. O CPC Rosaneves também contava com uma estagiária que cursava psicologia e um gestor, com quem tive pouquíssimo contato, que coordenava os CPCs Rosaneves e Veneza. Os técnicos sociais têm como obrigações: estabelecer parcerias a nível local/regional, realizando inicialmente o levantamento do patrimônio sociocultural existente no território de implantação, e, a partir desse levantamento, transmitir à população local os objetivos do programa; planejar ações tais como as oficinas, fórum comunitários e projetos locais; participar e monitorar as atividades realizadas pelo Programa; acompanhar os jovens através dos atendimentos individuais e encaminhá-los pra acompanhamento psicológico caso necessário.

Buscando o contato efetivo com os jovens o Programa conta com 15 oficinas e 13icineiros. Estesicineiros ingressam no CPC após participar de um edital permanente – o edital do Programa Fica Vivo! não possui prazo de finalização e tem fluxo constante, pois se alguma oficina não obtiver número constante de jovens ele pode ser substituída. O CPC Rosaneves, apresenta uma característica particular: todos osicineiros escolhidos são da região, e alguns já ministravam alguma oficina no território antes da implantação do programa. Este fato não os isentaram de participar do edital, mas corroborou para a escolha dos seus projetos de oficina. Essa particularidade facilitou a ressonância do programa junto à população local.

Todoicineiro ganha uma ajuda de custo de R\$ 995,00. Deste valor têm que pagar o lanche dos jovens nas oficinas (que é obrigatório), seu próprio transporte, o material utilizado nas oficinas (caso necessário) e (no caso das oficinas de informática e vôlei) o aluguel do local onde a oficina é ministrada. O restante deste valor fica para oicineiro, que presta um serviço ao programa, não tendo vínculo empregatício. Oicineiros devem trabalhar 20 horas semanais, ter o controle dos jovens que frequentam suas oficinas e fazer relatórios mensais para o CPC a

respeito das oficinas, reportando as ações dos jovens e os acontecimentos que possam ser relevantes para futuras intervenções.

A sede/base de referência do programa está localizada na rua Dália, número 62, no Bairro Rosaneves, sendo sediada em uma casa, cujo aluguel é pago pela prefeitura local, tendo em vista que o Programa de Controle de Homicídios é um empreendimento do Governo do Estado de Minas Gerais em parcerias com as prefeituras municipais.

As bases locais do Fica Vivo! Funcionam como pontos de apoio para os moradores da região, jovens atendidos pelo programa e oficinairos. É neste espaço que os jovens fazem seus atendimentos individuais, que os conflitos locais são mediados e onde os oficinairos podem (e devem) relatar, através da conversas com os técnicos ou relatórios mensais, as adversidades ocorridas nas oficinas ou, por meio dos relatos dos jovens, no território. Desta forma, enquanto observamos as ações e não-ações do território diretamente através das oficinas, nos CPC essas ações acontecem de forma indireta, porém mais organizada. Neste local toda a ideologia do programa é sistematizada e vira relatório para futuras intervenções.

Obtive permissão, após outro processo de autorização junto a SEDES, de ler, no CPC, não podendo retirar uma cópia para análises mais aprofundadas, alguns dos relatórios quantitativos e qualitativos produzidos pelos técnicos sociais e oficinairos em relação aos jovens atendidos e sobre o território. Nesses relatórios observei que os jovens são tratados numericamente, quanta mais jovens nas oficinas sendo atendidos, melhor, exceto jovens que estão nitidamente relacionados com a criminalidade, principalmente com o tráfico de drogas. Essa jovens em específico são 'vigiados' de perto, pois são suas ações que irão permitir, em certo ponto, o esboço de uma possível intervenção do CPC. Mas não é só a criminalidade dos jovens que são observáveis nas oficinas e repassados por meio dos relatórios dos oficinairos. Seus problemas relacionais, como, por exemplo, os problemas familiares, também são trabalhados buscando a prevenção de traumas futuros.

Tive acesso aos relatórios quantitativos e qualitativos dos meses de março, abril e maio de 2015. Cerca de 400 jovens foram atendidos nas oficinas nesses meses. O número de jovens atendidos individualmente foi uma media de 3 a 5 por mês. Nesse tempo houve dois homicídios, ambos por dívida com o tráfico, de jovens na faixa etária de atendimento do Fica Vivo!; e uma tentativa de homicídio, também

por dívida para o tráfico, de um jovem, com 19 anos, que participava das oficinas do programa.

Os atendimentos individuais versam sobre vários aspectos da vida destes jovens, como: relacionamentos abusivos; tentativa de suicídio; problemas relacionais com as/os companheiras/os, principalmente em casos de relações homoafetivas; problemas familiares, em específico a ausência do pai e violência doméstica; busca de oportunidades de estudo, curso superior e emprego. Teve um caso, de atendimento em conjunto com a mediação de conflito, de um jovem atendido pelo Fica Vivo! com seus pais, que estavam preocupados pois seu filho estava sendo ameaçado de morte.

O relato dosicineiros abordam situações observadas nas oficinas, mas que podem extrapolar esse meio: umicineiro expõe sua preocupação junto aos técnicos sociais sobre o uso intenso de drogas e das atitudes perigosas por parte de alguns jovens da oficina de música. Em uma das oficinas de futsal, os jovens reclamam da truculência dos fiscais dos ônibus. Esses fiscais são contratados para retirar as pessoas que entram nos ônibus sem pagar a passagem, mas a atitudes desses fiscais é excessivamente violenta. Oicineiro demonstra para os técnicos sociais sua preocupação, pois esses jovens podem começar a revidar de forma tão ou mais violenta, e gerar conflitos maiores. Buscando amenizar esse problema, oicineiro proporciona uma roda de conversas e pede para que todos mantenham uma atitude pacífica em relação a esse problema. Ao longo da minha pesquisa percebi que os problemas com o transporte público são diversos e estão longe de serem sanado (os fatos relacionados ao transporte coletivo de Ribeirão das Neves, em especial, em Rosaneves serão retomados mais adiante). E por fim, o relato de umicineiro sobre conflito em uma das oficinas de futsal, que refletia disputas externas. Dois Jovens (C. e M.) brigam durante o jogo de futsal, C. sai de quadra e quebra a retrovisor do carro de M.; mais tarde este, com seu tio que é policial militar vão à casa de C. tirar satisfação, mas, acertadamente, o tio de M. acaba medindo à situação, não gerando problemas mais graves.

Com base nesses atendimentos individuais, que também são estendidos aosicineiros que podem buscar aconselhamentos com os técnicos sociais de como lidar com algumas questões que surgem nas oficinas, e nos relatos dosicineiros, o CPC pode elaborar os relatórios quantitativos e qualitativos de cada mês e analisar

as melhores formas de intervenção nas oficinas, com os projetos locais, e no território, com projetos de circulação, (inter)institucionais ou fóruns comunitários.

### **3. AS OFICINAS: FUNCIONAMENTO E RECREAÇÃO**

Quando pensamos em oficinas atribuímos imediatamente a ideia de aprender um ofício, porém, as oficinas do Fica Vivo! não são, necessariamente, locais onde estes jovens irão aprender um ofício, vão muito além de um simples ‘curso’ – os jovens chamam as oficinas de ‘curso’, mesmo não tendo primordialmente esse caráter, e algunsicineiros/as de ‘professor/a’. As oficinas, como foi possível observar, são locais seguros de encontro, recreação e discussões, sobre acontecimentos da região ou da vida cotidiana destes jovens.

Foi possível observar que as oficinas se mostram como um local muito importante para estes jovens. É através delas que os jovens têm contato com certos ‘valores sociais’, ideias de trabalho em equipe, aprendem a ter uma convivência pacífica com o próximo, considerado que o Fica Vivo! está situado em meio a um ambiente que se encontra entre a legalidade e a ilegalidade (TELLES, 2010). Assim, alguns conflitos que acontecem no território podem ser, e normalmente o são, visibilizados nas oficinas, como, por exemplo, conflitos entre ‘gangs’ rivais; nestes casos osicineiros trabalham como mediadores, buscando controlar essas tensões, reportando casos mais graves ao CPC, para ações interventivas mais efetivas.

Mas, acima de tudo, as oficinas trabalham com o reforço da autoestima desses jovens, muitas vezes marginalizados e estigmatizados, que passam em alguns casos, devido aos estigmas que sofrem, por um processo de autorrejeição (CUSTODIO, 2014). Aparentemente, buscando minimizar essas autodepreciações, eles tentam, se adaptar às categorias formalizadas pela sociedade, como nos mostra Goffman (1988) ao constatar que a sociedade transforma expectativas normativas em exigências, definindo como o sujeito que está à nossa frente deveria ser e se portar.

#### **3.1 VISITAS**

Iniciei as minhas visitas ao Fica Vivo!, após o processo de autorização, em Abril de 2005. O primeiro contato com o CPC foi bastante proveitoso, pois tive a oportunidade de conhecer o antigo e o novo gestor (no dia em que fiz minha primeira visita o antigo gestor do CPC estava passando as informações gerais sobre o território para o novo gestor, apresentação da qual pude participar), e toda a equipe



técnica, que me receberam muito bem. Essa recepção positiva esteve presente em todas as visitas, o que facilitou a aproximação com a realidade do CPC. Os técnicos sociais, com quem tive mais contato no CPC, estavam sempre muito abertos a responder minhas dúvidas e em raras ocasiões tiveram que se informar na SEDES sobre algum pedido específico meu; a SEDES, de certa forma, estava sempre presente, 'vigiando' a pesquisa.

Após esses primeiros contatos com o CPC, e outro pequeno processo de autorização, começaram as minhas visitas a algumas das 15 oficinas que são oferecidas pelo CPC Rosaneves em todo o território dos bairros Rosaneves e Sevilha B.

Nos meses de outubro e novembro de 2015 visitei, nas terças e quintas-feiras, as oficinas de grafite, artesanato e dança de rua e nos meses de fevereiro e março de 2015, nas sextas-feiras e sábados, foram visitadas as oficinas de informática, bijuteria e vôlei. Em todas as oficinas fui recebida muito bem e com muito respeito, tanto pelosicineiros quanto pelos jovens participantes. De início os oficineiros e jovens tiveram dificuldades de me desvincular do Fica Vivo!. Achavam que eu era uma funcionária do projeto, e que estava ali observando/monitorando as oficinas. Mas esse mal entendido foi rapidamente sanado após algumas conversas. Deixar claro que não fazia parte do programa facilitou algumas aproximações e conversas com os oficineiros e jovens.

No primeiro dia de campo nas oficinas (15 de setembro de 2015), cheguei mais cedo no CPC para conversar com os técnicos, pois visitaria a oficina de Grafite que aconteceria no local. Neste momento a Nelma recebe uma ligação, era o Edilson, oficineiro de futsal masculino, que ligou para avisar que um de seus jovens (20 anos) havia levado um tiro no domingo, mas passava bem. O tiro partiu do padrasto, mas aparentemente não era para acertar o jovem. O padrasto estava brigando, armado, com o atual companheiro da sua ex-esposa por causa dos filhos. No meio da confusão, o tiro pegou no jovem. Já neste momento inicial foi possível notar como os atos violentos estão permeados no cotidiano desta comunidade.

### **3.1.1 GRAFITE**

As oficinas de grafite ocorrem nas segundas e terças-feiras de 14h00min às 16h30min, em um espaço improvisado na 'garagem' do próprio CPC. Por ocorrer

dentro do CPC, observei que essa oficina era mais vigiada que as outras e que o oficinheiro tinha menos liberdade para tratar com os jovens. Como o espaço para as aulas práticas do grafite é improvisado, as pinturas são sistematicamente apagadas para dar lugar a outras. A oficina é ofertada pelo oficinheiro Wandergleiker (mais conhecido na região por Gleiker), que está no programa há 3 anos. Formado em artes visuais, é professor de artes em escolas públicas da região de Ribeirão das Neves e muito conhecido pelos seus trabalhos publicitários nos muros da cidade. O fato de ser professor da rede pública de ensino acaba por direcionar o perfil dos jovens que participam da oficina, pois muitos são alunos ou ex-alunos do oficinheiro.

Minhas visitas eram feitas nas terças-feiras, durante todo o horário em que a oficina ocorria – participava, inclusive, dos lanches ao final da oficina (e de todas as oficinas visitadas), o que era muito importante, pois era nestes momentos que podia conversar mais livremente com os jovens participantes. Fiz o total de quatro visitas a esta oficina (15 e 22/09/2015; 06/10/2015; 16/02/2016). Como a oficina possuía um número reduzido de jovens – durante o período visitado o número de jovens participantes não variou muito, sendo de 2 a 4 por aula, na faixa de 13 a 15 anos – o contato foi bastante estreito e fácil.

O número baixo de jovens nas oficinas é um problema para a ideologia do programa, que procura retirar das ruas o maior número de jovens possível. Porém os técnicos sociais do CPC Rosaneves procuravam intervir neste conceito, buscando a manutenção desta oficina. Eles argumentavam que por se tratar de uma oficina que envolvia pintura, precisava que o oficinheiro pudesse ter uma atenção mais individual de todo o processo, assim, turmas mais reduzidas seriam o ideal. Porém, normalmente, a atenção mais individualizada durante as oficinas não parece ser, aparentemente, a prioridade do programa.

Antes de iniciar as visitas, foi-me passado que a oficina de grafite possuía em média dez jovens participantes, porém no primeiro dia de observação havia apenas dois, número que não alterou muito nas visitas seguintes. Quando questionei o oficinheiro a respeito desta diferença, ele afirmou que o motivo foi o período de relatório, em que os oficineiros deixam de ministrar suas oficinas durante quase um mês para realizar o relatório das oficinas a ser entregue ao CPC. Porém, mesmo tendo se passado seis meses deste período de relatório o número de jovens não aumentou.

O intuito das oficinas não está apenas em ensinar um ofício, assim as 'aulas' não ficam restritas a pintura, sendo enriquecida com diversos tipos de conversas, das quais participei (transporte público, família, filmes, arte, jogos eletrônicos, música, brigas, planos para o futuro...). Os jovens – isso observei em todas as oficinas – confiam muito noicineiro, e este fica à vontade em dar conselhos.

No primeiro dia de observação, fui apresentada aos jovens e tive alguns minutos para tentar explicar o que e por que estaria presente em algumas 'aulas'. Neste dia todos ficaram concentrados na elaboração de um logo para as olimpíadas que ocorreriam no fim do ano de 2015 reunindo todos os CPCs do Fica Vivo!. As aulas muitas vezes estão ligadas ao programa, não sendo assim uma arte totalmente livre, como exemplificarei no decorrer deste tópico. Todos os CPC apresentariam uma proposta de logo e o melhor seria utilizado. Neste dia oicineiro me perguntou se eu morava em Ribeirão das Neves, e ao dizer que morava em Belo Horizonte, ele e os jovens começaram a reclamar sobre como o acesso à cidade era difícil e demorado por causa do transporte público e da implementação do BRT (Bus Rapid Transit ou Transporte Rápido por Ônibus) MOVE (nome dado ao BRT em Belo Horizonte e região metropolitana), meio de transporte rápido, que nesta época ainda não tinha estação nem plataforma definitiva e, segundo as afirmações recolhidas ali, só aumentou o distanciamento das cidades localizadas na periferia da capital mineira.



IMAGEM 2: Imagem da Estação (provisória) do Move de Justinópolis. A Estação Justinópolis (definitiva) deveria ser entregue no ano de 2014. A estação provisória é insegura e se encontra sobre um córrego como vemos na imagem 3. Disponível em: <<http://migre.me/tQoit>>. Acessado em: 13 de maio de 2016.



IMAGEM 3: Imagem do córrego onde se encontra a Estação (provisória) do Move de Justinópolis. Os usuários têm que esperar seus ônibus aguentando o mau cheiro do córrego. Disponível em: <<http://migre.me/tQoEX>>. Acessado em: 13 de maio de 2016.

No segundo dia de pesquisa o oficinairo ensinou os jovens a fazer e usar o método do *stencil* – que é uma forma de grafite mais rápido e simples, onde se utiliza uma placa recortada como molde para pintar a figura nas paredes – e Aerografia – método de ilustração semelhante ao grafite que utiliza aerógrafos, máquina que por meio da pulverização faz desenhos com mais efeitos e detalhes.

Neste dia fui intimada pelos jovens a participar da aula e cortar *stencil*, e, participando efetivamente da oficina, eles tiveram mais curiosidade sobre o que eu estudava na universidade e acabamos por conversar sobre sonhos, oportunidade e futuro. O distanciamento da capital e as dificuldades, de mobilidade e financeira (a passagem de Rosaneves a BH, com o cartão Ótimo, em 2016, era de R\$ 11,10, ida e volta, valor que não é nada barato para os moradores do local), dificultam, ou em muitos casos impossibilitam o acesso cultural desses jovens e segrega cada vez mais a população desta região.

Na terceira visita o oficinairo fez um desenho na parede para que os jovens pintassem, esse desenho estava relacionado ao tema do *Projeto Local* sobre violência doméstica. Os Projetos Locais são ações previstas na ideologia proposta pelo Fica Vivo! que têm como intenção provocar uma mudança em determinada situação de conflito existente, com começo e fim determinados. A imagem foi proposta pelo técnico social do programa, mas o tema do projeto foi desenvolvido em conversas/dinâmicas com os jovens das oficinas de grafite e desenho. O assunto do projeto, violência doméstica, surgiu ao se perceber que muitos jovens, principalmente dessas oficinas, enfrentavam esse problema em casa. Porém, muitos não conseguiam identificar atos de violência doméstica como atos de agressões, por serem situações naturalizadas no convívio familiar e comunitário. Através do *Projeto Local*, alguns jovens puderam perceber que há violência doméstica no meio familiar e passaram a trabalhar esse problema junto aos técnicos sociais e oficinairos.



IMAGEM 4



IMAGEM 5



IMAGEM 6



IMAGEM 7

As imagens 4, 5, 6 e 7 são referentes a oficina de grafite. As imagens mostram o grafite feito para ilustrar o projeto local com o tema de violência doméstica. Arquivo pessoal. 2015.

Neste dia foram 3 jovens, dois meninos que já haviam ido nas oficinas anteriores e uma menina, que para participar da oficina, teve que levar as irmãs de 2 e 8 anos, pois cuida delas enquanto a mãe está no trabalho. Como a oficina ocorre no CPC, foi cobrado doicineiro que as crianças menores de 12 anos não poderiam ir às oficinas – nas demais oficinas que visitei, e que ficam em espaços fora do CPC, a presença de crianças menores de 12 anos, ou jovens maiores que 24, faixa etária que foge ao indicado pelo programa, acaba ocorrendo livremente. Infelizmente, até o momento da minha última visita, a jovem não havia voltado à oficina.

O quarto e último dia de observação em campo na oficina de grafite ocorreu cinco meses depois da primeira visita, e pude observar que o número de jovens ainda era baixo, 2 a 3. Nesta ocasião, os técnicos e oficineiro relataram sobre o projeto de *Intercâmbio* de CPCs que os jovens das oficinas de grafite do CPC Rosaneves (Ribeirão das Neves) fizeram com os jovens do CPC Ressaca (Contagem). Nesta época, houve alguns homicídios na região, e a comunidade assustada e sem saber quais eram os responsáveis pelas mortes, buscaram resposta em um estranho carro preto com placas de Contagem que estaria rondando o bairro na época dos homicídios<sup>8</sup>. Assim, buscando minimizar este problema, o CPC Rosaneves levou alguns jovens para conhecer o CPC e o bairro Ressaca em Contagem e jovens de Contagem vieram conhecer o CPC Rosaneves. Ao final deste intercâmbio um muro de cada região foi escolhido para ser grafitado e selar o fim deste projeto.

---

<sup>8</sup> Em conversa com jovens de outras oficinas fiquei sabendo que eles não compravam drogas sempre em Ribeirão das Neves. Mas que em alguns casos eles compravam as drogas no bairro Nacional, em Contagem. O que pode explicar esse receio com os carros com a placa desta cidade, e sua relação direta com os homicídios que estavam ocorrendo na época.





IMAGEM 8: Grafite feito pelos jovens do CPC Ressaca junto aos jovens dos CPC Rosaneves em um muro no em frente a praça do Lula no bairro Rosaneves. Foto enviada por Wandergleiker, oficina de grafite, 2016.



IMAGEM 9: Imagem dos jovens participantes do programa em frente ao grafite no bairro Rosaneves. Foto enviada por Wandergleiker, oficina de grafite, 2016.

Na oficina deste dia os jovens iriam aperfeiçoar suas habilidades com a tinta spray, e para isso o oficinairo propôs que eles pensassem em um desenho que representasse a filosofia do programa, o que o Fica Vivo! representava para os jovens e para a comunidade. Depois de muito pensar, um dos jovens sugeriu: vamos desenhar uma pessoa entre dois caminhos um bom e um ruim. O caminho bom seria representado pelo programa Fica Vivo! enquanto que o caminho ruim, seria um caminho estereotipado, feio, triste, com uma pessoa com roupas rasgadas e sujas. Assim, neste momento surgiram-me muitas perguntas a respeito da relação jovens/Fica Vivo!: Qual é a filosofia do programa para esses jovens? O que o Fica Vivo! representa para eles? O que é o mau caminho? Estas questões foram me norteando no decorrer de toda a pesquisa, e esta monografia constitui um registro dessas reflexões e observações.

### **3.1.2 ARTESANATO**

As oficinas de artesanato acontecem nas terças e quintas-feiras de 17h30min às 20h00min, mas os jovens chegam por volta das 18h30min, assim, esse meio tempo ficava livre para entrevistar/conversar com a oficinaira. A oficinaira, Maria Márcia, está no programa há cerca de 7 anos, ela relatou que na sua chegada foi

ameaçada de morte por acharem que ela e sua oficina iriam interferir no bairro. A oficina ocorre em uma sala improvisada na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro de ensino infantil (pré-escola).

A mudança de local ocorreu a pedido daicineira, pois bem próximo da escola onde a oficina é ministrada atualmente existem algumas 'bocas' (locais onde vendem drogas), assim a oficina estaria mais próxima do público-alvo do programa. A questão das drogas é muito visível nessa oficina.

Recentemente a escola onde a oficina acontece havia sido assaltada, momento em que levaram a bolsa da diretora com as chaves de todos os portões, salas e cadeados, que, por questão óbvias de segurança tiveram que ser trocados na mesma época em que comecei a pesquisa no local.

Visitei essa oficina nas terças-feiras: primeiro ia à oficina de grafite e depois descia a pé para a oficina de artesanato. Andar pelo território me possibilitou conhecer melhor o local e ter um contato mais próximo com os moradores. Na oficina de grafite, esporte e dança de rua o foco dos jovens era claro: grafitar, praticar um esporte, dança. Mas foi na oficina de artesanato que pude perceber, inicialmente, o programa além do ofício (observei essas características também nas oficinas de bijuteria e informática). Assim, foi possível visualizar as oficinas como locais seguros de encontro e recreação.

A oficina de artesanato tinha um número considerável de participantes, cerca de 20 jovens – esse número variava durante o horário da oficina – com a idade de 16 a 22 anos. Como eram jovens mais velhos, eram mais desinibidos e faziam mais perguntas, principalmente sobre minha vida pessoal.

No primeiro dia de visita apresentei-me para os jovens, expliquei sobre a pesquisa e dei abertura para que eles pudessem perguntar qualquer coisa. As primeiras perguntas foram: "Você é parente de policial?" e "Você é casada?". Aicineira me informou que sempre são as primeiras perguntas que eles fazem para quem vai à oficina, inclusive para própriaicineira, quando chegou. Com a primeira pergunta percebi que os jovens buscam distância em relação à polícia. Os assuntos neste dia e em outros também, giravam em torno de sexo (relacionamentos, gravidez na adolescência, homossexualidade), drogas e *rock'n roll*, literalmente. Um fim de semana antes da minha visita havia acontecido em BH a Virada Cultural, onde aconteceu o show do Sepultura, uma banda brasileira de metal dos anos 80. Alguns jovens desta oficina vieram a BH de 'pulão' – ficavam na parte da frente do

ônibus ou pulavam a roleta para não pagar as passagens. Beberam e consumiram muitas drogas, momento em que um dos jovens passou mal e quase teve uma overdose. Essa história foi me contada em meio a risadas, como algo que permeava o cotidiano desses jovens.

Nesse dia quando estava indo embora um dos jovens me perguntou: “o que você quer com pessoas tão burras?”. Neste momento eu fiquei paralisada, percebi que o campo seria cheio de surpresa, e respondi que eu tinha muito que aprender com eles, mais que imaginavam.

Como eu descia da oficina de grafite para de artesanato a pé, sempre chegava um pouco antes da oficina e ficava na porta esperando e observando o território. No segundo dia de vista, estava na entrada da escola esperando a oficina chegar para abrir a sala quando encontrei com dois jovens. Eles, ao me reconhecerem, perguntaram se não tinha ‘seda’, sabendo que consumiriam drogas, comecei a conversar com eles sobre o assunto, e consegui mais confiança dos jovens em relação à minha presença. Neste dia a oficina levou algum material para fazer artesanato, mas dos quase 20 jovens que circulavam por lá apenas quatro usaram o material (duas meninas de 12/13 anos, um menino de 12 anos e uma jovem de 22 anos). Além das conversas de sempre, neste dia falamos sobre morar no território e um jovem disse: “Neves não é lugar pra mim, aqui é uma roça”, ele também disse ter problemas com o pai, outro motivo para querer ir embora. Dizer que Ribeirão das Neves é uma ‘roça’ é algo muito comum entre os moradores de BH, que chamam a cidade, dentre outros termos que eles mesmos consideram depreciativos, de ‘roçaneves’. Ver um jovem da região reproduzindo esse jargão mostra a forma com a qual os moradores desta cidade são atingidos pelos preconceitos da capital, levando-os a menosprezar o local onde moram.



IMAGEM 10



IMAGEM 11

As imagens 10 e 11 mostram objetos feitos na oficina de artesanato no dia 22/09/05. Arquivo pessoal. 2015.

No terceiro e último dia de visitação na oficina de artesanato a sala onde a oficina ocorre estava sem luz, pois o interruptor da sala ficava em outra sala que

estava trancada e os funcionários haviam esquecido de deixar a luz acesa. Esse incidente mostra a pouca estrutura que o programa tem para a realização das oficinas. Assim, neste dia não teve oficina, mas permaneci no local com aicineira para avisar os jovens. Neste momento conversei com a icineira sobre o consumo de drogas nas oficinas e ela me relatou que, neste período trabalhado como icineira, dois jovens, participantes da sua oficina, foram assassinados por causa da dívida ao tráfico, e que, na época das visitas, havia um jovem sendo ameaçado de morte pelo mesmo motivo. As drogas, a violência e as constantes ameaças de homicídios atravessavam frequentemente a oficina de artesanato e deixava tanto jovens quanto icineira em constante apreensão.

### **3.1.3 DANÇA DE RUA**

As oficinas de dança de rua acontecem nas terças e quintas-feiras de 17h30min às 20h00min no pátio da Escola Estadual João Corrêa Armond. Durante o meu período de pesquisa, a oficina de dança acontecia simultaneamente à oficina de futsal masculino ministrada pelo Francisco, que ocorria na quadra coberta da escola – atualmente a futsal masculino acontece nas segundas-feiras de 19:30 às 22:30.



IMAGEM 12: Pátio da Escola Estadual João Corrêa Armond onde são ministradas as oficinas de Dança de Rua. Arquivo Pessoal, 2016.

A oficina é ministrada pelo Arlen, que está no programa cerca de 10 anos. Visitei a oficina nas quintas-feiras (nas terças estava visitando as oficinas de grafite e artesanato) nos dias 17 e 24 de setembro de 2015 e no dia 08 de outubro de 2015. Os jovens participantes desta oficina têm entre 14/18 anos, e na sua maioria são meninas.

Quando cheguei à oficina pela primeira vez me apresentei e expliquei mais ou menos o que seria a pesquisa, oicineiro pediu para que os jovens me dessem boa noite e desejassem boas vindas. O oficineiro cobra disciplina durante as oficinas e na vida, pois, segundo ele, para que ele possa ser um intermediário entre os jovens e seus pais, esses precisariam ser educados, responsáveis e tirar boas notas. Desta forma, seus pais confiariam neles, na oficina e na eficácia do programa, não os proibindo de participar tanto das oficinas quanto dos campeonatos de dança, os quais, em muitos casos, ocorrem em cidades próximas a Ribeirão das Neves e necessitam de autorização dos responsáveis.

O oficinairo cresceu e mora no bairro Rosaneves, e, como muitos jovens que moram na região, passou por dificuldades financeiras e teve poucas oportunidades na vida. Em uma oficina que visitei, ele conta aos jovens as dificuldades que teve para seguir com seu sonho de dançar. Mas lutou e conseguiu seguir no caminho certo, longe das drogas. Ele conta que viu muitos amigos se perderem para o tráfico, mas não seguiu nesse caminho, pois a dança lhe mostrou um caminho mais responsável. Segundo o oficinairo: “a dança é para quem quer, não só para quem pode”. Assim, ele prega entre os jovens que estes devem lutar e correr atrás dos seus sonhos independentemente das condições sociais nas quais se encontrem. Ao final de toda oficina, eles fazem uma oração de agradecimento, no estilo das igrejas protestantes<sup>9</sup>.

A oficina tem cerca de 25/30 jovens. São muitos participantes para um único ‘professor’, assim ele sempre tenta explicar que manter a ordem é essencial. Alguns jovens ajudam o oficinairo na organização e no momento de aquecimento. Estes, pelo que pude observar e na fala de alguns jovens, são os ‘queridinhos’ do oficinairo e ganham mais destaque durante as aulas e nas coreografias. Portanto, outros jovens ficam cobrando mais atenção do oficinairo, querendo destaque e mais visibilidade na dança. Essa dinâmica gerou, nos dias em que visitei a oficina, pequenos conflitos entre os participantes.

Como em todas as oficinas que observei, o espaço é improvisado e, da mesma forma como aconteceu na oficina de artesanato, na oficina de dança do dia 08/10 houve um problema com a luz. Algum funcionário da escola esqueceu-se de deixar a luz do pátio acesa e o interruptor ficava numa sala que estava trancada. A oficina ocorreu à meia luz mesmo.

Em oficinas de esporte e dança é muito difícil ter espaço para conversar com os jovens, pois eles estão sempre em movimento e/ou criando. Mas no momento do lanche, consigo ficar mais próxima desses jovens. Porém, na oficina de dança esse momento não ocorre. Assim não consegui estreitar muito meu contato com os jovens dessa oficina, além do que era observável.

---

<sup>9</sup> Muitas famílias dos bairros Rosaneves e Sevilha B são protestantes. Esta escolha religiosa afeta de certa forma as oficinas e o Programa Fica Vivo!. Em muitos CPCs do Programa a oficina de capoeira é bastante popular, mas na região de abrangência do CPC Rosaneves, esta oficina foi rejeitada, pois era associada pelos evangélicos às religiões afro-brasileiras, como umbanda, candomblé e macumba. Relato fornecido pelos técnicos sociais do programa Fica Vivo! em reunião realizada no dia 21 de maio de 2015.



O programa fica Vivo! tem como foco jovens que estão envolvidos com a criminalidade ou em situação de vulnerabilidade criminal, mas foi possível observar que parte dos participantes da oficina de dança de rua não estavam inseridos nesse eixo de problema, e alguns não moravam na região do bairro Rosaneves e Sevilha B.

### **3.1.4 INFORMÁTICA**

As oficinas de informática eram oferecidas nas sextas-feiras de 17h00min às 20h00min e nos sábados de 9h00min às 11h30min – após a mudança de OSCIP, assunto que será tratado no capítulo 4, esta oficina passou a ser ofertada nas terças e quintas-feiras de 14h00min às 16h30min. Essas mudanças de data e horário provavelmente alteraram o público que era atendido anteriormente pela oficina. Atualmente essa oficina ocorre em horário comercial, atrapalhando os jovens que trabalham e frequentavam a oficina na sexta-feira a noite, e, no horário escolar, dificultando os jovens que estudam a tarde e participavam da oficina na sexta-feira a noite ou sábado de manhã.

Os jovens que frequentavam a oficina nas sextas a noite, dias de minha visita, tinham de 16 a 22 anos, em sua maioria homens, e estavam na oficina para encontrar seus amigos e conversar. Nos sábados, foi me passado pelos técnicos sociais e oficinaira, que os jovens que compareciam à oficina possuíam idades variadas, e uma renda familiar muito baixa, sendo que muitos participavam da oficina devido ao lanche que era oferecido no local. Assim, essas trocas de horário impossibilitaram o alcance destes jovens, modificando, certamente, a dinâmica desta oficina.

As visitas aconteceram nos dias 26 de fevereiro e 04 de março de 2016, na ASCOBARONE (Associação Comunitária do Bairro Rosaneves). A oficina precisava pagar um aluguel, de R\$75,00 por mês, para utilizar o local. A oficina é ofertada pela Letícia, que está no programa há 10 anos. Ela trabalha ofertando a oficina de informática em outro CPC, se dedicando integralmente ao programa Fica Vivo!.

Trabalhando em dois CPCs de forma integral, a oficina de informática recebe duas ajudas de custo, que para algumas pessoas, aparentemente, seria um valor alto a ser pago para alguém que não faz nada, como me informou a oficinaira:

“Já estou há 10 anos aqui, as pessoas acham que ganho muito para fazer nada. Eles não entendem o que passamos aqui [ela disse que já sofreu ameaças quando entrou no programa, e que a aproximação com alguns jovens é complicada]. Alguns dizem que estou recebendo pra proteger bandido”. Podemos observar nesta fala como os jovens participantes deste programa, que assiste jovens em situação de criminalidade ou vulnerabilidade criminal, são vistos pelos habitantes do ‘asfalto’, e, em alguns casos, pelos moradores da própria região em que vivem: em sua maioria, como criminosos.

Essa oficina, como a maioria das oficinas ofertadas pelo Fica Vivo!, não funciona necessariamente como um curso profissionalizante, mas aicineira, em alguns casos, ensina informática para os interessados neste ofício, principalmente aos jovens que frequentavam o local no sábado. Desta maneira, o espaço, como em outras oficinas, também era usado como ponto de encontro. Em grande parte dos 10 anos de oficinas, o espaço não possuía internet, o que dificultava a transmissão do conhecimento. Mas a icineira buscava passar seus conhecimentos em relação ao tema através de papel ou nos computadores que tem no espaço, independente da existência de internet.

No tempo e dia das minhas vistas, a oficina tinha cerca de 14 jovens. A maioria dos jovens que participavam da oficina de informática estava presente na oficina de artesanato visitada anteriormente. Assim, as conversas são praticamente as mesmas. Como já conhecia os jovens e tinha uma ‘intimidade’ maior com eles, organizei no segundo dia de visitaçãõ uma conversa/dinâmica para discutirmos, mais abertamente, alguns pontos da minha pesquisa e a respeito de assuntos que permeavam as visitas.

Iniciei a conversa/dinâmica fazendo uma nova apresentação da pesquisa. Os jovens apresentaram muita dificuldade em compreender que a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG é uma universidade pública, e, conseqüentemente, não é paga. Pois, na fala de um dos jovens, “lá só tem playboy”. Expliquei que realmente, mesmo sendo pública, a UFMG era muito elitizada, mas que, como eu, alguns estudantes advinham de famílias mais humildes e estudaram em escolas públicas como eles. Nesta ocasião, um grupo confessa já ter ido à universidade encontrar um amigo. Neste dia, eles foram ofendidos por estudantes, o que gerou uma briga, e acabaram sendo hostilizados e retirados pelos seguranças – os jovens não souberam, ou não quiseram, explicar em que prédio este fato ocorreu. Estes jovens,

em sua grande maioria negros, são constantemente estigmatizados e marginalizados quando se encontram fora do meio em que vivem. Assim, é instituído a eles, pela população da capital e poder público, e, estimulado, em certa medida, por algumas políticas de assistência social, como o Fica Vivo!, que se mantenham no espaço físico ao qual pertencem.

Quando questionados, na conversa/dinâmica, sobre o porquê vão às oficinas eles responderam que a frequentam porque gostam e confiam na Letícia (oficineira), por ser um lugar (seguro) para encontrar os amigos e por causa do lanche (riram muito ao dizer isso). Quando perguntei se eles entendiam qual é a ideologia do programa, respondiam que o Fica Vivo! tirava os jovens da rua e mudava (ou tentava mudar) a vida deles, que os ensinavam a se adaptarem – mudando de certa forma suas identidades sociais (?) – a outros contextos, para serem aceitos. Alguns nesse momento reclamaram da mídia que mostra a cidade de forma negativa, o que aumenta o preconceito com quem morava no local.

Um dos jovens me disse que eles (os jovens de periferia) eram como rosas com espinhos, que podiam até machucar as pessoas, mas se tratados com cuidado e observados de perto eram belas flores. Mas a sociedade é uma erva daninha, que ao invés de cuidar, mata.

### **3.1.5 BIJUTERIA**

As oficinas de bijuteria ocorrem nas quintas e sextas-feiras de 17h00min às 19h30min. As visitas foram realizadas nos dias 03, 11 e 18 de março de 2016. A oficina se chama Lúcia e está no programa há mais de 10 anos. A oficina é ministrada em uma casa emprestada pela igreja batista do bairro de Rosaneves, não sendo cobrado aluguel. As turmas variam de 20 a 25 jovens, em sua maioria homens.

Antes da implementação do Fica Vivo! em Rosaneves, a oficina ensinava o ofício de bijuteria para os moradores do bairro na CEDF (Centro de Edificações da família), com o intuito de geração de renda. Quando o programa chega ao bairro, o pastor da igreja batista, onde a oficina ocorre atualmente, chama a Lúcia para conhecer e participar. Inicialmente a oficina manteve o foco de transmissão do ofício, formando turmas, com entregas de certificado (cerca de 162 certificados foram

distribuídos). Mas, com o passar do tempo o caráter da oficina muda, e a transmissão do ofício passa a não ser obrigatória.

Este caráter das oficinas, de não ser um local de transmissão de um ofício, deixa alguns pais desconfiados, pois acreditam que seus filhos estão indo ao local para fazer ‘bagunça’. Mas aicineira tenta explicar que neste espaço os jovens estão aprendendo a conviver com o próximo, além de ser um espaço onde podem discutir vários assuntos.

Mesmo tendo como foco jovens de 12 a 24 anos, observei que na oficina de bijuteria, mais que nas outras, existem jovens mais novos e mais velhos que a faixa etária permitida, muitos por ter um contato mais próximo com a icineira. Quando cheguei para a primeira visita percebi que a maioria dos meninos ficavam jogando ‘truco’ (jogo de cartas), enquanto que as meninas, e alguns meninos mais jovens, realmente faziam bijuterias, para consumo próprio. No meu primeiro dia de vista, a icineira ficou preocupada, pois achou que estava ali para monitorar a oficina para o Fica Vivo!, mas quando expliquei que era uma pesquisa para a Universidade, sem vínculo com o programa, ela ficou mais tranquila e conversou com fluidez sobre os acontecimentos na oficina e no bairro.

No segundo dia de pesquisa fiquei sabendo que um bebê, aparentando ter de 3 a 4 meses, foi encontrado morto, de forma muito desumana, em frente a uma escola municipal perto do ‘Conjunto’ (prédios construídos pelo programa Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal. Esse local também é conhecido como “predinhos da Dilma”) no bairro Rosaneves. Estavam todos muito chocados e falavam muito disso durante a oficina, pois a imagem do bebê morto havia circulado por grupos do *whatsApp* da região. Assim, a oficina neste dia girou em torno deste acontecimento. Os jovens diziam que quem matou o bebê, caso encontrado, estava morto, pois este fato chamou atenção da polícia e da mídia sensacionalista para a região. É neste momento que as expressões “Chico Doce” e “passar o cerol” aparecem, pois a lei do tráfico impera no bairro e mantém, em certo ponto, a ordem<sup>10</sup>.

No último dia de vista fizemos uma dinâmica/conversa na oficina. Perguntei inicialmente qual era a importância da oficina para os jovens, que responderam:

---

<sup>10</sup> Neste dia, quando voltava para casa, escutei duas mulheres conversando no ônibus (6170 – Rosaneves/Estação Justinópolis) sobre a morte do bebê (este fato realmente chocou os moradores do bairro). Uma delas disse que quem fez essa ruindade não devia ser do bairro, porque se era do bairro devia ser muito burro, pois já estava morto. Assim, podemos observar que as leis do tráfico são de conhecimento dos moradores.

“enquanto os jovens estão na oficina eles não estão lá fora fazendo coisas ruins”; “as oficinas tiram os jovens da rua”; “nas oficinas temos bons exemplos”; “é um espaço para ver os amigos”; “a oficina escuta a gente quando estamos com problemas e dá conselhos”. Essas respostas mostraram dois pontos importantes: primeiro, em que medida esses jovens estão reproduzindo falas naturalizadas a respeito de políticas públicas em áreas periféricas; e a relação de confiabilidade entre esses jovens e a oficina, condição tão importante para o sucesso da implementação do programa.

Após este primeiro questionamento, perguntei para os jovens sobre a visão que as pessoas da capital tinham de Ribeirão das Neves, então alguns preconceitos começaram a surgir. “Em BH eles acham que nossa cidade é uma roça”, “que aqui só mora presidiários”; mostram também seu descontentamento com a mídia que apresenta a cidade de forma depreciativa, realçando seus pontos negativos, nunca mostrando algo positivo. Mas, os preconceitos não vêm apenas da capital; estão também na própria cidade em relação ao bairro onde esses jovens moram. Uma jovem disse que quando ficou sabendo que se mudaria para o bairro ficou muito assustada: “Não queria morar em Rosaneves porque falavam que aqui era muito perigoso, mas descobri depois que onde eu morava era muito pior”. Outro jovem disse que quando fala que mora em Rosaneves alguns já perguntam: “você mora naquele bairro com um tanto de bandido?”, “Acham que em Rosaneves só tem criminoso”. Mas, muitos disseram ter orgulho de morar no bairro e que “os bandidos não machucam ninguém, só se você machucar alguém ou se machucarem você”.

Falar sobre os preconceitos em relação ao bairro suscitou nos jovens os preconceitos individuais que eles sofrem, em relação ao corpo, ao cabelo e à cor de pele, mas muitos caracterizam essa forma de preconceito com o famoso *bullying*, não o reconhecendo como racismo. Acredito que isso ocorra desta forma porque quem reproduz este racismo são também negros.

Ao final desta última visita, e no fervor da dinâmica, fizemos um lanche, como no final de todas as oficinas, e, algumas meninas vieram conversar comigo sobre racismo e disseram sofrer muito com isso, principalmente por causa do cabelo, algumas até choraram. Depois uma menina, de 12 anos, começou a me contar sobre como o pai é violento, que não gostava dele e que quem era seu pai era o padrasto “pai é quem cria”, conta que presenciou o pai torturando as galinhas que tinham no quintal e que ele queimou a avó dela, que ficou com cicatrizes.

As falas destes jovens mostram como o bairro está carregado de estigmatização, preconceitos e ainda é permeado pela violência. Essas marcas são transmitidas para seus moradores. Assim, os jovens buscam nas oficinas um meio de ‘fugir’ dessas rejeições que partem da cidade ‘formal’ e do próprio bairro, acreditando que através delas irão sair do ambiente violento das ruas, e, em alguns casos da violência que está dentro da própria casa. Estes jovens vêm na oficina alguém que pode fornecer bons exemplos, atenção e carinho.

### **3.1.6 VÔLEI**

As oficinas de vôlei, ministradas pelo oficinairo Célio, ocorrem nas segundas ou terças-feiras (dependa da semana), de 17h30min às 20h00min, e nos sábados de 9h00min às 11h30min, na quadra de areia do seu Geraldo (quadra particular), para quem o oficinairo tem que pagar um aluguel mensal (valor não declarado). Como em todas as oficinas que observei, o espaço também é precário: a quadra é descoberta, e como não possui marcações ou divisões, estas são improvisadas pelo oficinairo com a ajuda dos jovens.

O oficinairo Célio está no programa há cerca de 4 anos. Formado em teologia, é muito respeitado na região por ser pastor em uma das igrejas protestantes do bairro. Mas, mesmo sendo pastor, ele não sustenta um discurso religioso durante as oficinas.

Frequentam a oficina cerca de 25 jovens de 15 a 20 anos, em sua maioria do sexo masculino. Alguns jovens estão ligados à igreja, porque o oficinairo é pastor, mas não é necessariamente uma norma. Nesta oficina os jovens não estão diretamente ligados com o tráfico de drogas, mas, pelo que foi me passado pelos técnicos sociais e oficinairo, existem muitos jovens que estão relacionados ao alcoolismo.

Visitei as oficinas aos sábados, nos dias 5 e 12 de março de 2016. Em ambos os dias havia chovido durante a noite, e como a quadra é descoberta e de areia, a oficina foi realizada de forma ainda mais precária. Esse motivo impossibilitou, em certa medida, uma análise mais profunda da dinâmica desta oficina e dos jovens participantes, pois nem todos compareceram.

No primeiro dia de visita foram apenas 9 jovens, mas, mesmo com a quadra molhada, a oficina aconteceu. Enquanto não aparecia mais jovens para

compor dois times, alguns garotos ficaram jogando bola ao mesmo tempo em que o oficinairo desenrolava a rede. A quadra tem que ser montada para a oficina, com as faixas laterais para demarcação da mesma e a montagem da rede. No momento em que mais jovens apareceram eles fizeram essa montagem em conjunto, com movimentos sincronizados, parecia uma dança, era muito bonito de se ver. O jogo de vôlei iniciou com 5 jovens mais o oficinairo, 3 pessoas de cada lado, mas com o passar do tempo mais jovens chegaram e o revezamento foi possível. O jogo é bem descontraído, com muitas risadas e brincadeiras, inclusive com o próprio oficinairo, que em uma ocasião ganhou uma bolada no rosto. Assim, foi possível perceber que não existe uma hierarquia clara entre os oficinairos e os jovens.

No segundo e último dia de visita<sup>11</sup>, apareceram apenas cinco jovens, pois a chuva continuava. Destes jovens, um estava indo pela primeira vez, ele cumpria mediada socioeducativa (não foi me passado o motivo, para resguardá-lo), e por esta razão o Hugo, que além de ser técnico social do programa, é morador da região, estava presente. Nesta ocasião conversamos sobre a cidade e o território. Ele disse que a cidade de Ribeirão das Neves é deficiente em políticas de lazer e cultura, assim as oficinas do Fica Vivo! podiam trabalhar de forma a suprir essa necessidade, tendo em vista a dificuldade destes jovens em se locomover para a capital em busca de cultura, além da falta de informação.

### **3.2 OFICINEIROS: LIMINARIDADE ENTRE ESTADO E TERRITÓRIO**

Ao visitar, participar e observar algumas oficinas ofertadas pelo CPC Rosaneves, foi possível perceber a importância deste meio para a formulação e sustentação do programa Fica Vivo!. Estas oficinas, como foi dito anteriormente, não são locais em que estes jovens irão simplesmente aprender um ofício, pois vão muito além de um simples 'curso'. São locais de encontro, de recreação e discussões, sobre acontecimentos do território e do cotidiano desses jovens. O ponto chave dessas oficinas é o oficinairo, que sendo morador da região, estabelece uma relação próxima e de confiabilidades com os jovens participantes, além de

---

<sup>11</sup> Havia planejado mais visitas a essa oficina, mas, depois do dia 12 de março de 2016, dia da minha última visita, o oficinairo da oficina de vôlei entraria em período de relatório, momento em que a oficina fica parada por cerca de um mês. No entanto, logo após esse processo, o programa Fica Vivo! passou por uma mudança de OSCIP, que será explicado no capítulo 4, paralisando todas as oficinas até a segunda quinzena do mês de julho de 2016. O que impossibilitou mais visitas.

estabelecer um contato institucional com o CPC. Assim, este profissional, se encontra em uma posição liminar (TURNER, 1974 & 2005) entre os usuários do programa e o Estado, caracterizado pelo CPC e pela SEDES. Esta liminaridade permite ao oficinairo uma posição de neutralidade, entre os jovens e o CPC, possibilitando que esse possa subverter as estruturas sociais nas quais está inserido, adaptando-se as necessidades e convenções necessárias a cada instância; pois o ser liminar, não vive fora nem dentro de estrutura alguma, mas entre elas.

“Quem conhece os jovens realmente são os oficinairos!”, conforme me confidenciou orgulhosamente um oficinairo. “Esse profissional, portanto, exerce um papel muito além do ofício ministrado e grande parte do sucesso de um programa de prevenção terciária baseado em oficinas recreativas dependerá da sua atuação.” (CUSTODIO, 2014, p. 86). Neste trecho, retirado da dissertação de mestrado de Luciana Ferreira Custódio (2014), observamos a importância dos oficinairos para o sucesso do Fica Vivo!. A autora realizou sua pesquisa no CPC Morro das Pedras em Belo Horizonte, e buscou demonstrar de que as oficinas (e o Programa Fica Vivo) exerciam/podiam exercer influência na trajetória de vida dos jovens participantes no que tange à prática criminosa.

É a partir desta relação de confiabilidade entre oficinairos e jovem que o CPC pode traçar a realidade dos participantes do programa, tanto nas ruas quanto em casa, e conseqüentemente a realidade do território. Pois, as conversas e discussões presentes nas oficinas, sobre os acontecimentos cotidianos destes jovens e do território em que vivem, viram relatórios que são reportados ao CPC de tempos em tempos e estes repassados para SEDES. Os jovens são esquadrinhados, viram fichas e registros para futuras intervenções. Este esquadrinhamento do território e dos corpos (in-disciplinados) destes jovens permite que o Programa Fica Vivo! observe sem ser visto. Esse ‘olhar panóptico’ que parte do CPC e da SEDES, busca antecipar os acontecimentos e controlar, disciplinar os corpos desses jovens (FOUCAULT, 1999). Pois o Fica Vivo “é um programa de prevenção e repressão também”, conforme afirmado por um oficinairo ao informar que o GEPAR tem livre acesso às oficinas do programa – mesmo nunca os vendo pela região no tempo de realização da pesquisa.

Desta forma, essa peculiar condição interestrutural do oficinairo, que se encontra em uma posição de liminaridade entre os jovens e o CPC, lhes possibilitam estabelecer uma rede de relações no território, contribuindo, de certa forma, para o



fortalecimento do programa junto aos moradores de Rosaneves e Sevilha B. Assim, o estado ambíguo e paradoxal dessa *persona liminar*, o oficineiro, apresentará processos e noções opostos na mesma representação, que caracteriza a unidade do liminar: “[...] o que não é nem isso, nem aquilo, e, no entanto, é ambos.” (TURNER, 2005, p. 144).

#### 4. MUDANÇA DE OSCIP

OSCIP consiste em uma qualificação jurídica atribuída a entidades privadas que atuam em áreas do setor público com interesse social, podendo ser financiadas pelo Estado ou pela iniciativa privada sem fins lucrativos. Estas entidades estão previstas no ordenamento jurídico brasileiro como forma de facilitar parcerias e convênios com todos os níveis de governo e órgãos públicos (federal, estadual e/ou municipal) e permite que doações realizadas por empresas possam ser descontadas no imposto de renda. Por ser uma qualificação, e não uma forma de organização em si mesma, vários tipos de instituições podem solicitar o título de OSCIP. De maneira geral, as organizações não-governamentais (ONGs) são a entidades que mais se encaixam neste perfil.

Durante o período da minha pesquisa, a OSCIP que geria o Programa Fica Vivo! era o Instituto Elo. Qualificado pelo Governo de Minas Gerais, que neste momento era administrado pelo PSDB, em 2005, conduzindo o programa, sem ter passado por licitação, até o início do ano de 2016.

No ano de 2014, com a mudança de governo e, conseqüentemente, de partido, do PSDB para o PT, supervisores, gestores e técnicos do programa ficaram apreensivos com o possível fim do programa que já atuava em favelas e áreas periférica de Belo Horizonte, região metropolitana e em algumas cidades de Minas Gerais há mais de 10 anos. No entanto, o atual governo optou por dar continuidade ao projeto, cogitando a abertura de um processo de licitação, que nunca havia ocorrido, para a escolha de uma nova OSCIP. Este processo teve início em agosto de 2015, e em março de 2016 o IJUCI foi aprovado. O Instituto Elo, que também participou da seleção, ficou em segundo lugar.

Inicialmente acreditava-se que o processo de mudança fosse ser rápido, sem afetar a equipe dos CPCs e oficinas/oficineiros, que apenas se encerraria o contrato com uma OSCIP para renovar com a outra. Mas, o IJUCI encerrou todas as atividades do programa para realização de novas pesquisas sobre a dinâmica criminal das regiões atendidas (infelizmente não consegui ter acesso a essa pesquisa em tempo hábil para esta monografia) e abertura de edital para a composição de novas equipes (analistas sociais, gestores e supervisores) do Programa Fica Vivo!.

No CPC Rosaneves as oficinas e oficinairos continuaram os mesmos, mas

houveram algumas mudanças de horário e dias de realização destas oficinas, o que, de certa forma, atrapalha alguns jovens de continuar a frequentar as mesmas, mudando sua dinâmica e alcance. A grande mudança ocorreu na equipe do Programa Fica Vivo!: a técnica social Nelma, que já estava no programa cerca de 10 anos e tinha total apoio e confiabilidade dos jovens participantes, não foi selecionada no processo seletivo, sendo substituída pela analista social Viviane, também formada em assistência social e moradora do Bairro Justinópolis, bairro que faz divisa com Belo Horizonte, mas pertencente a Ribeirão das Neves. A atual técnica do Programa conta que enfrentou dificuldades iniciais para se aproximar de alguns jovens, pois estes acreditavam que ela havia tirado a Nelma de suas funções; mas, com o apoio da própria Nelma, a Viviane tem conseguido sanar esse mal entendido. O técnico social Hugo, foi selecionado para ser supervisor do programa, não sendo substituído até o momento da minha última visita (dia 24 de agosto de 2016). Mas um novo edital, do dia 19 a 29 de agosto de 2016, estava em vigor para a contratação de mais um analista social (da área de psicologia, assistência social ou ciências sociais). Outro gestor para o CPC Rosaneves foi contratado, mas não tive nenhum contato presencial com ele.

O termo técnico social foi substituído por analista social pois o IJUCI afirma que o primeiro termo estaria relacionado a formação de nível médio, enquanto o segundo a nível superior. As mudanças de termos foram significativas: de técnico social para analista social, conferindo maior *status* aos funcionários do programa; e, enquanto o Instituto Elo *monitorava* as oficinas através dos técnicos sociais, o IJUCI faz o *acompanhamento* das oficinas, essa nova nomenclatura busca estreitar a relação do jovem com o analista social, não atribuindo, aparentemente, autoridade e hierarquia a este. Mudam as nomenclaturas mas a vigilância continua a mesma.

Todas as atividades do CPC realizadas pelo Instituto Elo foram encerradas no mês de março de 2016. O CPC retomou suas atividades no mês de junho, mas as oficinas só voltaram a funcionar na segunda semana de julho de 2016. Este longo período sem oficinas evidenciou conflitos territoriais criados pela ausência do programa e pela escassez de espaços públicos na região. Como me relatou uma jovem participante da oficina de futsal feminino, quando perguntei das mudanças no bairro durante esse tempo sem oficinas: "Pelo menos na parte que eu moro não mudou em relação a homicídios não, mas violência um pouco, pois muitos jovens [que participavam das oficinas] não têm o que fazer e acabam jogando em outros

lugares [fora do espaço separado das oficinas] que pode ter brigas".

A partir deste acontecimento, podemos analisar o olhar do Programa sobre o bairro Rosaneves ao implementar suas propostas e metodologias, (re)organizando este espaço, transformando-o em seu território, para ser 'moldado' e 'manipulado'. Restringir o espaço de convivência dos participantes do programa – que por sua vez são restringidos aos jovens de 12 a 24 anos – às oficinas proporciona uma fragmentação do território, e conseqüentemente a segmentação do mesmo, fomentando, de certa forma, a estigmatização dos não participantes e as desigualdades sociais destes jovens para com a região em que vivem e em relação ao restante dos habitantes da região metropolitana a que pertencem, criando, desta forma, alguns conflitos territoriais específicos. Quando o Programa Fica Vivo! fala de território devemos levar em conta a interpretação que o mesmo atribui à ideia de território proposto pelo geógrafo brasileiro Milton Santos (2000; 2010). Para este autor território se torna um conceito a partir do momento em que é usado, e, de alguma forma, sofre intervenção. Este território, intermediado, possui agência, passa a ser uma forma de prolongação dos corpos de seus usuários, algo que os inclui. Porém, moldado por quem 'manda', pois a formação do território é algo externo ao território, sendo um campo de atuação e expressão do poder público, privado, governamental ou não-governamental, além de populacional. Assim, cada território tem uma determinada área, uma população e uma instância de poder. Para Santos (2000; 2010), é na base territorial que tudo acontece

Após a mudança de OSCIP agendei uma entrevista com o Francisco (mais conhecido como Chico), oficinairo de futsal masculino e feminino, que já está no programa a 10 anos, sendo apontado pelos antigos técnicos sociais como um dos oficinairos mais atuantes em relação à proposta do programa. Ele informou que além dos conflitos territoriais que surgiram no tempo em que o programa ficou inativo, a relação oficinairo/jovens também foi afetada. "Não são mais aqueles meninos que você controlava não, eles perderam o respeito com os oficinairos", esta fala do oficinairo Francisco mostra que o desligamento das oficinas por um tempo longo descredibilizou a atuação de alguns oficinairos que trabalhavam com jovens que estavam efetivamente inseridos na criminalidade, o que é o foco do Programa. Assim, o grau de desenvolvimento desses jovens, como nos conta o oficinairo, ficou abalado, pois estes garotos envolvidos com o tráfico de drogas, mas que participavam das oficinas se perderam de vez para a criminalidade, o que o

oficineiro chama de “jovens que não têm volta”. Assim, percebemos que em muitos casos “o Fica Vivo! ajuda quem precisa, mas deixa de ajudar quem precisa mais” (fala do oficineiro Francisco em entrevista do dia 17 de outubro de 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei ao longo deste trabalho esboçar conceitos e ideias para demonstrar em que medida o Programa Fica Vivo! participa dos processos de (re)construção das identidades sociais dos jovens participantes das oficinas, e, principalmente, apontar em que medida este programa ressignifica e/ou reitera a ideia de cidadão precarizado/marginalizado para esse mesmos participantes. Assim, com o foco em relação aos objetivos propostos nesta pesquisa e tendo em vista as limitações metodológicas existentes, é possível apresentar algumas considerações finais no que se refere aos dados primários coletados.

Primeiramente, devemos destacar o fato de o programa, que atua em áreas consideradas de vulnerabilidade criminal, ter como intenção a prevenção de homicídios e, para alcançar esse resultado, lançar mão de figuras tão próximas aos jovens participantes, pois, osicineiros como moradores da região, compartilham dos mesmos estigmas que esses. Assim, “[...] há um conjunto de indivíduos dos quais o estigmatizado [os jovens] pode esperar algum apoio: aqueles que compartilham seu estigma [oicineiro] e, em virtude disso, são definidos e se definem como seus iguais.” (GOFFMAN, 1988, p.37).

Desta forma, osicineiros ganham a confiabilidade desses jovens, que estão/são ‘vulneráveis’, ficando próximo, ouvindo-os, dando conselhos dos modos de se portar no “outro mundo”, mostrando o que seria o mal e o bom caminho a se seguir (e o que realmente significa esse bom caminho?), e acima de tudo cuidando da autoestima deste grupo que fora do seu meio de convívio é tão discriminado. Sabendo das discrepâncias entre a região em que (con)vivem em relação ao “asfalto”, esse jovens estigmatizados buscam ficar próximos aos indivíduos que possuem os mesmos estigmas, e as políticas públicas, como o Fica Vivo!, promovem esse encontro/união.

Outro ponto é perceber de que forma o Estado e o Município têm negligenciado essas regiões, suprimindo de seus moradores necessidades básicas como saúde, educação, lazer e um transporte público de qualidade e com preço acessível a população usuária, este último ajuda a manter o cidadão marginalizado no espaço físico ao qual pertence, afastando-os de buscar no ‘asfalto’ o que lhes faltam.

“No Brasil, a relação entre classes pobres e classes perigosas teve e tem ainda um lugar importante no imaginário da sociedade, gerando processos de suspeição preconceituosa. Por isso, deve-se atentar para a não discriminação da população residente em territórios considerados “vulneráveis” ou “excluídos”. Eles são assim classificados pela própria política pública local e referendadas pela sociedade local (KOGA, D.; RAMOS, F., 2004, p.66).

Como colocado por Dirce Koga e Frederico Ramos (2004), relacionar a classe mais pobre à uma classe perigosa, um povo que reside na precariedade se naturalizou em nossa sociedade, tal qual os preconceitos que partem da cidade formalizada direcionados às áreas periféricas/marginalizadas. Estes preconceitos acabam por ser enfatizados pelas políticas públicas, como o Fica Vivo, que caracterizam seu público-alvo como cidadãos ‘vulneráveis’ e/ou excluídos.

Assim, “[...] trata-se de perguntar até onde as estratégias utilizadas para o trabalho junto a esses territórios podem ou não contribuir para o fortalecimento desse processo de discriminação e estigmatização.” (Idem). Além de pensar até que ponto esses programas buscam incluir esses jovens ‘excluídos’ socialmente.

Martins (2003) mostra que o emprego da concepção de exclusão se generalizou de tal forma que acaba sendo aplicada a todo e qualquer âmbito da vida e a todo e qualquer tipo de problema social; perdendo de vista, desta forma, a especificidade de cada problema e o modo de enfrentá-lo e resolvê-lo. Desta forma, enquanto essas políticas buscam assistencializar os pobres, os marginalizados, os excluídos, o que estão procurando identidades e um lugar aceitável na sociedade, o fazem através de regras e lógicas pré-definidas que em muitos casos moldam as identidades dos assistencializados, além de reificar a marginalização e estigmatização destes grupos com os quais se trabalham, mantendo-os restritos ao território e aos meios que oferecem, como as oficinas ofertadas pelo Programa Fica Vivo!.

Por fim, é importante enfatizar que as informações coletadas não permitem criar generalizações em relação às políticas públicas de prevenção existentes e a todos os CPCs do Programa Fica Vivo!, pois os dados estão relacionados especificamente ao CPC Rosaneves que possui uma dinâmica das oficinas/oficineiros e territorial própria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard Saul (1997). **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Hucitec. São Paulo.

BOURDIEU, Pierre (1998). “Efeitos de lugar”. In: \_\_\_\_ (Coord). **A miséria do mundo**. Vozes. Petrópolis.

Câmara Municipal de Ribeirão das Neves. “Aspectos Históricos”. Disponibilizado em: <<http://migre.me/uBjON>>. Visualizado em: 9 de agosto de 2016.

CHAMPAGNE, Patrick (1998a). “A Visão do Estado”. In: BOURDIEU, Pierre (Coord). **A miséria do mundo**. Vozes. Petrópolis.

CHAMPAGNE, Patrick (1998b). “A Visão mediática”. In: BOURDIEU, Pierre (Coord). **A miséria do mundo**. Vozes. Petrópolis.

CUSTODIO, Luciana Ferreira (2014). **Entre o Crime e a Legalidade: arte e recreação na prevenção da criminalidade juvenil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

DIAGNÓSTICO – RIBEIRÃO DAS NEVES. Documento produzido pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais - CRISP/UFMG. Maio de 2005 (Mimeo).

FOUCAULT, Michel (1999). “Os Corpos Dóceis” & “O Panoptismo”. In: **Vigiar e Punir**. Vozes. Petrópolis.

GOFFMAN, Erving (1988). “Estigma e Identidade Social”. In: **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. ZAHAR. Rio de Janeiro.

KOGA, D.; RAMOS, F. (2004). “Território e políticas públicas”. In: WANDERLEY, M. B; OLIVEIRA, I. C. (Org.). **Trabalho com famílias: textos de apoio**, v.2, IEEPUC-SP. São Paulo.



MARTINS, José de Souza (2003). “O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal”. In: **Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. Paulus. São Paulo.

PROGRAMA DE CONTROLE DE HOMICÍDIOS – FICA VIVO!. Documento produzido pelo GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS/SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA SOCIAL/SUPERINTENDÊNCIA DE PREVENÇÃO À CRIMINALIDADE. Junho de 2009 (Mimeo).

SALES, Mara Marçal (2003). **A favela é um negócio a fervilhar: olhares sobre a estigmatização social e a busca de reconhecimento na Pedreira Prado Lopes**. Dissertação (Mestrado em psicologia social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte.

SANTOS, Milton *et al* (2000). **Território e sociedade: entrevistas com Milton Santos**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo.

SOUZA, Jessé (2009). “A má-fé da sociedade e a naturalização da ralé” & “Posfácio sobre o método da pesquisa”. In: **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Editora UFMG. Belo Horizonte.

TELLES, Vera da Silva (2010). **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. ARGUMENTVM. Belo Horizonte.

THIOLLENT, Michel (1985). **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez. São Paulo.

TURNER, Victor (2005). “Betwixt and Between: o Período Liminar nos ‘Ritos de Passagem’”. In: **Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu**. Editora da Universidade Federal Fluminense - EdUFF. Niterói, RJ.

TURNER, Victor (1974). “Liminaridade e *Communitas*”. In: **O processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura**. Editora Vozes. Petrópolis.